

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

MARIA CLÁUDIA BOMBASSARO

A RODA NA ESCOLA INFANTIL

Aprendendo a Roda aprendendo a conversar

Porto Alegre

2010

MARIA CLÁUDIA BOMBASSARO

A RODA NA ESCOLA INFANTIL

Aprendendo a Roda aprendendo a conversar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof^o Dr^o Gabriel de Andrade Junqueira Filho

Porto Alegre

2010

MARIA CLÁUDIA BOMBASSARO

A RODA NA ESCOLA INFANTIL

Aprendendo a Roda aprendendo a conversar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação

Requisito parcial para a obtenção do título de Mestre

Universidade Federal do Rio Grande do Sul,

Faculdade de Educação.

Data da aprovação:

Componentes da Banca:

Ana Cristina Coll Delgado

Maria Carmen Silveira Barbosa

Sandra Regina Simonis Richter

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles, amigos e amigas, colegas de trabalho e de estudo, pelas diferentes Rodas que juntos vivemos e ainda vamos viver.

À escola em que foi produzida a pesquisa, em especial à sua diretora. Às professoras e às crianças do grupo investigado por me acolherem e me permitirem aprender as diferentes Rodas que, juntos, realizamos.

Ao meu querido orientador – Gabriel – pelas conversas, pelos desafios e pelas provocações. Por me ajudar a ver caminhos, perdida no meio de tantas Rodas.

À minha família, em especial, Giovanni, Fernando e Leandro, pelo olhar cuidadoso que, cada um, do seu jeitinho, compartilhou comigo.

RESUMO

Este estudo surge a partir da pergunta: Que sentidos têm a Roda para crianças e professores na escola de educação infantil? Esta pergunta me leva a significar a Roda como linguagem, como conteúdo, como conteúdo-linguagem, amparada em autores como C. S. Peirce e Junqueira Filho. Tal escolha teórica me leva a investigar quais são a estrutura e as regras de funcionamento das Rodas postas em funcionamento nos encontros em Roda entre crianças e professoras numa escola de educação infantil. Como instrumentos metodológicos foram utilizados a observação participante, o diário de campo, entrevistas semi-estruturadas e conversas com as crianças. Os dados produzidos em campo possibilitaram tanto a identificação de alguns sentidos para a Roda quanto a identificação da estrutura e das regras de funcionamento das Rodas observadas durante as idas à escola de educação infantil. Quando falo Roda, me refiro à Roda de conversa, que se dá pelo encontro de professoras e crianças, significados como pares uns dos outros, em interlocução, a partir de linguagens verbais e não verbais. Quando digo Roda, me refiro a um conteúdo-linguagem a ser aprendido tanto pelos professores quanto pelas crianças, e ao ser aprendido, cada vez que a Roda é posta em funcionamento, gera conhecimentos e aprendizagens sobre a Roda, sobre seus participantes e sobre conversar.

PALAVRAS-CHAVE: Roda – conteúdo-linguagem – educação infantil – conversa – protagonismo infantil.

ABSTRACT

This study arises from the question: What are the senses of the Circle for children and teachers at kindergarten school? This question leads me to mean the Circle as a language, such as content, as content-language, supported by authors such as C. S. Peirce and Junqueira Filho. This theoretical choice leads me to investigate what are the structure and operating rules put in place in the Circles on Circle meetings with children and teachers in a kindergarten school. Methodological tools were used as participant observation, field diary, semi-structured interviews and conversations with children. The data produced in the field have enabled both the identification of some directions for the Circle as the identification of the structure and operating rules for Circles observed during visits to the kindergarten education. When I say Circle, I mean the conversation Circle, which goes by the gathering of teachers and children, meanings of each other as peers in dialogue, from verbal and nonverbal languages. When I say circle, I refer to a content-language to be learned by teachers and children, and once it is learned, each time the circle is turned on, it generates knowledge and learning on the circle on its participants and on the action of talking .

KEYWORDS: Circle - content-language - childhood education - conversation - child protagonist.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
2 EM BUSCA DAS RODAS – A METODOLOGIA E A PESQUISA DE CAMPO.....	13
2.1 Percursos e percalços para a entrada em campo	13
2.2 Escolhas metodológicas.....	15
2.3 A escola pesquisada	18
2.4 A organização espacial da sala pesquisada.....	20
2.5 Os sujeitos da turma pesquisada	20
2.6 A rotina da turma pesquisada.....	22
3 A RODA COMO CONTEÚDO-LINGUAGEM.....	26
4 AS CRIANÇAS E A INTERLOCUÇÃO COM OS ADULTOS NA RODA	33
5 ESTRUTURA E REGRAS DE FUNCIONAMENTO DA RODA	38
5.1 O planejamento E O REGISTRO da Roda.....	40
5.2 A convocação da Roda	41
5.3 Local, organização física e espacial da Roda	45
5.4 Falar, ouvir, lembrar: a Roda e a memória do que se conversa em Roda	49
5.5 A pauta e/ou sobre o que se conversa na Roda	55
5.6 Disputas e conflitos na Roda.....	80
5.7 ENCERRAMENTO E DURAÇÃO DA RODA	82
5.8 o que as crianças pensam sobre a roda.....	82
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
REFERÊNCIAS.....	87
ANEXOS	92
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DA ESCOLA.....	93
TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	95
PLANTA BAIXA DA SALA DE ATIVIDADES DO GRUPO 5	98

1 APRESENTAÇÃO

Escrevo esta dissertação num processo contínuo de inquietações, compreensões, dúvidas, pensares e fazeres que me provocam intensamente, desde antes do início do mestrado, em diferentes realidades e fases da minha formação pessoal e profissional. Esta minha trajetória perpassa, o tempo todo, a escrita dessa dissertação. Percebo, ao escrever, o quanto ainda estou me constituindo como pesquisadora, professora, formadora de professores, cidadã, mãe, mulher e nas muitas outras facetas e marcas que se entrelaçam no meu ser. Esta dissertação nasce da minha inquietação com o fazer cotidiano da escola infantil. Mais especificamente, com o encontro na Roda que se dá entre professor e crianças nesse cotidiano, intermediados pelos mundos uns dos outros e pelo mundo da escola, e o potencial de produção de culturas, de humanidades, de educação entre esses sujeitos, a partir de uma linguagem que revela tanto sobre os humanos – a conversa na Roda. Significo esse momento como encontro intencional e planejado pelo professor para conversar com as crianças sobre aquilo que lhes interessa, emociona, provoca, instiga, impressiona, amedronta, causa curiosidade, desejo de conhecer, compreender, com toda a intensidade que faz parte do ser criança e de encontrar-se para conversar. Ainda que intencional – talvez por isso – é passível, que também seja gerada a partir de surpresas, inusitados, pela participação dos que dela fazem parte e a põem em funcionamento, causando deslocamentos, perplexidades, desacomodações, frustrações, mudanças de opinião, vislumbre de novas perspectivas de olhar, pensar, realizar tantas coisas conhecidas ou inimaginadas. Roda na qual se aprende a conversar, porque Roda é de conversa e não para preencher o tempo precioso desse encontro igualmente precioso entre o professor e as crianças na escola infantil. Roda que faz parte da história da humanidade, que é uma produção e um patrimônio da humanidade, que indica sobre necessidades geradoras de funcionamentos humanos para produzir-se um pouco mais humanos, para que se conheçam e revelem um pouco mais de sua humanidade em produção, ao longo dos tempos, em diferentes Instituições, com objetivos distintos.

Sendo a Roda uma produção, uma realização humana, um funcionamento dos humanos, uma prática social largamente utilizada ao longo da história da

humanidade, compreendo-a como uma linguagem. Linguagem na perspectiva apontada por Junqueira Filho (2005), que busca em Charles Sanders Peirce a referência teórica para o conceito de linguagem que permite que a Roda possa ser significada como tal. Para Peirce (apud Santaella, 1985), linguagem é toda e qualquer produção, realização, funcionamento do homem e da natureza, com estrutura e regras próprias de funcionamento. A partir desse conceito de linguagem, Junqueira Filho (2005) elabora uma nova concepção de conteúdo – conteúdo como linguagem, conteúdo-linguagem –, aplicada a escola infantil. Compartilho os pontos de vista destes autores e, tal como Junqueira Filho (2005), significo a Roda como linguagem, como um conteúdo-linguagem dos mais importantes da escola infantil.

Neste sentido, sendo a Roda uma linguagem com estrutura e regras próprias de funcionamento, em funcionamento, parto do princípio que estas precisam ser aprendidas e ensinadas, ou seja, para que a Roda seja realizada, a professora e as crianças precisam se reunir em Roda para ensinar e aprender a estrutura e as regras de funcionamento da Roda. Nesta perspectiva, tenho como objetivo com esta pesquisa, investigar e apresentar o que identifiquei como elementos indicadores da estrutura e das regras de funcionamento da Roda de conversa numa escola de educação infantil da rede particular de Porto Alegre, na qual a pesquisa foi realizada. Em outras palavras, se Roda é conteúdo-linguagem, para esta dissertação importa saber qual é a estrutura e quais são as regras que põem a Roda em funcionamento pela professora e pelas crianças na escola infantil em que a pesquisa foi realizada.

No Projeto de Pesquisa, em sua fase de qualificação, me propus a fazer um breve levantamento histórico tentando entender quando, onde e com quem surge a proposta de organizar Rodas na Escola Infantil. Em Froebel (2001), Montessori (1987) e Freinet (1975) encontrei princípios, argumentos e indícios de situações para reunir as crianças em Roda. Em Madalena Freire (1983), Rizzo (1982) e Warschauer (2001; 1993) encontrei possibilidades para organizar o encontro em Roda. Este levantamento, ainda que inicial, foi importante para ajudar a pensar o quanto a Roda é uma prática social que também está inserida na escola infantil.

Sendo a Roda uma prática social inserida também na escola infantil, entendo que ela precisa ser aprendida por professores e crianças. Se a Roda precisa ser aprendida pelos professores e pelas crianças, em quais momentos da formação dos professores eles aprendem a organizá-la e a dar-lhe significado e quais os múltiplos sentidos que a Roda tem, seja na escola infantil, seja na história da humanidade?

Penso que esta é uma questão relevante para que a Roda seja (re)significada para e pelos professores e pelas crianças e não desperdiçada como vem acontecendo com as Rodas em geral, da maneira que estão sendo utilizadas, na maioria das vezes, somente para fazer a chamada, marcar o painel do tempo¹ e escolher o ajudante do dia. Não tenho nada contra estes usos da Roda, mas penso que esse momento de encontro pode – e deve – ser produzido com mais sentido para e pelos professores e crianças. Digo isto, porque considero o encontro na Roda um momento importante para que as crianças aprendam a conversar, dentre outras aprendizagens provocadas pelo encontro na Roda, que destaco ao longo desta dissertação.

Hoje vivemos numa sociedade onde nunca se conversou tanto, ao menos pela internet e pelo telefone. Em contrapartida, quando os sujeitos se encontram presencialmente, há um vazio muito grande, um estranhamento, um constrangimento, um despreparo, indicando que, ao que parece, sabemos conversar sim, desde que intermediados pela tecnologia. Frente a frente, corpo a corpo, face a face, poucos sabem, poucos se sentem à vontade. Na vida em família, o tempo é curto. As crianças passam o dia na escola, desde bem pequenos, e em casa, no pouco tempo que passam com seus familiares, muitas vezes, o que chega pela boca do adulto no lugar da conversa é prescrição: - Já tomou banho? Já fez o tema de casa? Já guardou os brinquedos? Vem jantar. Tá na hora de escovar os dentes e ir pra cama. Vai chamar a sua irmã pra por a mesa. Já arrumou a mochila e a roupa pra escola amanhã? Olha a sujeira que você fez!?! Eu já tinha limpado tudo, tudo, tudo! Vai ver um pouco de televisão que agora eu tô ocupada. Filho, traz a toalha que o pai esqueceu de pegar no varal. Sendo assim, no mundo contemporâneo, em que lugares, em que situações e com quem as crianças aprendem a conversar?

A escola pode ser um dos lugares onde se aprende a conversar, sendo a Roda a situação por excelência para esse aprendizado, e a professora e as crianças da escola grandes interlocutores uns dos outros. Repito que entendo a Roda como uma das possibilidades para aprender a conversar, pois as crianças entre elas, nos encontros no pátio da escola, por exemplo, ou durante as situações de jogo simbólico, dentre outros, também aprendem a conversar, iniciando espontaneamente a conversa umas com as outras. Mas o que quero ressaltar é que

¹ Quadro do tempo é um painel encontrado em grande parte das Escolas de Educação Infantil onde se registra as condições climáticas, dia após dia.

crianças e adultos, quando se encontram na escola, em especial na Roda, podem se tornar grandes parceiros, grandes interlocutores à altura uns dos outros, para dialogarem, conversarem e, juntos, conhecerem sobre si, sobre o outro e sobre o mundo – o mundo de cada um e o mundo que produziu a Roda para convocar os sujeitos para conversarem sobre o que diz respeito a todos que dela fazem parte e a colocam em funcionamento.

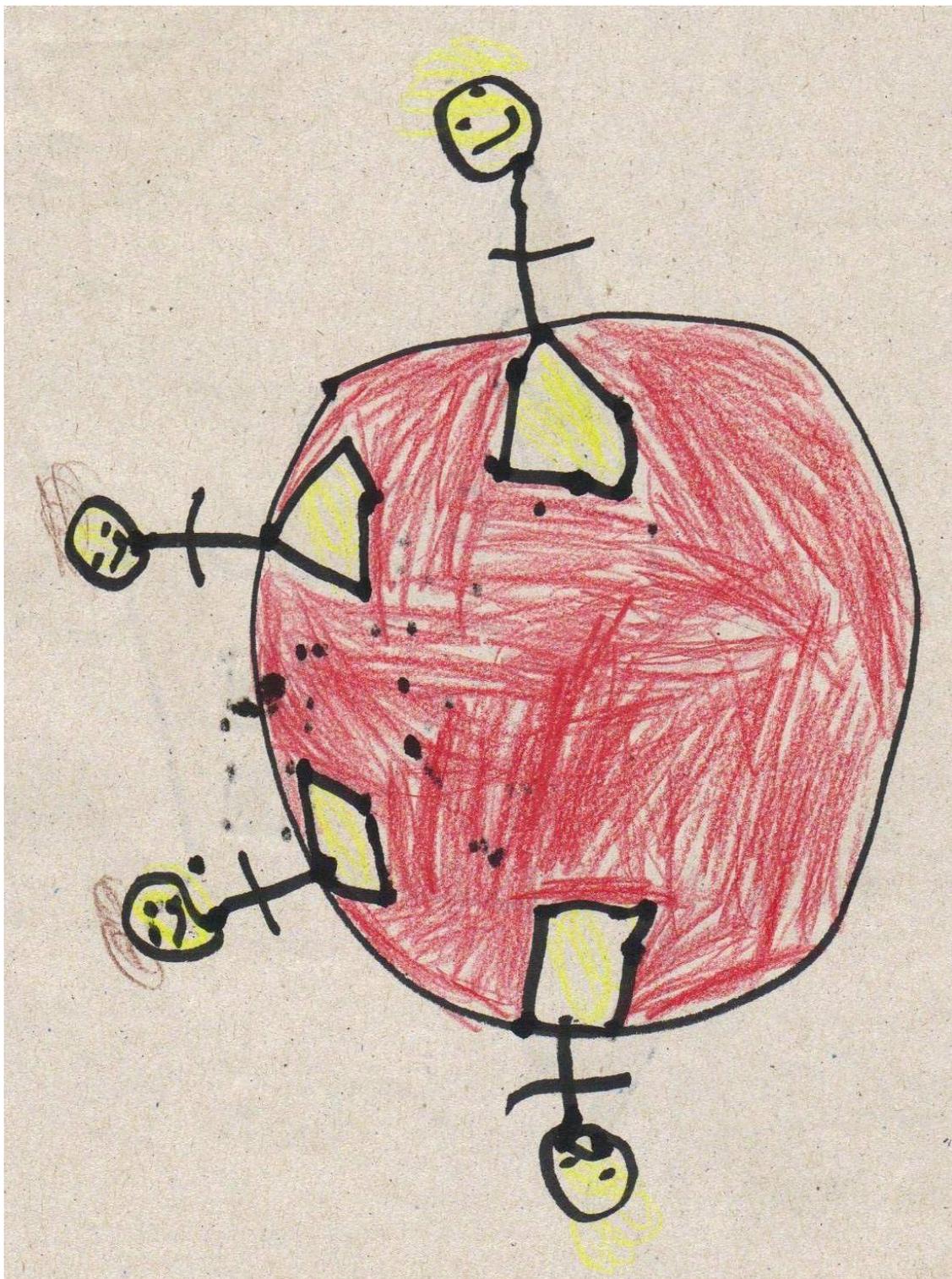
Por conta disso, nesta dissertação, considero como meus objetivos mais relevantes indicar elementos sobre a estrutura e as regras de funcionamento da Roda – que continuam a ser produzidas toda vez que a Roda é convocada e posta em funcionamento – e apontar alguns funcionamentos possíveis para ela e para o encontro por meio dela – entre professores e crianças – na escola infantil. Não se tem aqui a intenção de organizar um manual prescritivo de como fazer bem e melhor a Roda, mas de significá-la em algumas outras possibilidades, além daquelas que estamos acostumados a ver e a por em funcionamento. E reforço: refiro-me apenas a algumas possibilidades, pois entendo que tanto o que aprendi e vou apresentar a partir da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, são possibilidades e não tudo o que existe, ou a única forma de significar, organizar e colocar em funcionamento a Roda no cotidiano da escola infantil.

No decorrer da pesquisa de campo, observando e interagindo com o jeito com que as crianças e as professoras da escola pesquisada colocam a Roda em funcionamento, produzi algumas pistas, que chamo de signos, sobre a estrutura e as regras de funcionamento da Roda. Estas pistas, quando articuladas, ou seja, um signo gerando outro signo – gerando uma cadeia dinâmica e relacional de signos – me aproximam da estrutura e de alguns funcionamentos possíveis para a Roda. São estas pistas e as relações que produzi sobre elas que compartilho, conversando por escrito, nesta dissertação.

Portanto, vamos seguir nossa conversa com um capítulo em que apresento a metodologia de pesquisa, intitulado **Em busca das Rodas – A metodologia e a pesquisa de campo**. No capítulo seguinte, apresento e problematizo **A Roda como conteúdo-linguagem**. A seguir, apresento **As crianças e a interlocução com os adultos na Roda**; para finalizar, apresento **A estrutura e as regras de**

funcionamento da Roda identificadas a partir da pesquisa de campo. Espero que este percurso² pelas Rodas produza muitas conversas!

² Ao longo do percurso inseri alguns desenhos feitos pelas crianças sobre a Roda, que também considero documentos de análise para a produção desta dissertação.



2 EM BUSCA DAS RODAS – A METODOLOGIA E A PESQUISA DE CAMPO

Neste capítulo, apresento os caminhos metodológicos que percorri para produzir alguns sentidos possíveis para o encontro na Roda, bem como para identificar a estrutura e as regras de funcionamento das Rodas observadas na escola onde estive para a geração dos dados da pesquisa. Apresento, portanto, as escolhas metodológicas, a escola pesquisada; descrevo a organização do espaço dessa escola e da turma pesquisada, os sujeitos envolvidos na pesquisa e alguns funcionamentos que compõem o cotidiano da turma pesquisada, com destaque para os encontros em Roda e, mais especificamente, a Roda inicial.

2.1 PERCURSOS E PERCALÇOS PARA A ENTRADA EM CAMPO

Para escolher o local onde realizar a pesquisa de campo, estabeleci alguns critérios. O primeiro foi selecionar uma escola que tivesse um trabalho relevante³ de organização da Roda com as crianças, ou seja, que a Roda fosse considerada algo significativo, importante; portanto, uma prioridade na composição da rotina de trabalho de toda a escola. A partir da indicação de meu orientador e de algumas colegas de mestrado, cheguei ao nome de uma escola para realizar meu estudo. O segundo critério era que a escola aceitasse participar da pesquisa compreendendo meu propósito que era ter acesso a algumas práticas significativas de Roda, para entender os sentidos que as mesmas possuem para professores e crianças, explorando, para tanto, sua estrutura e suas possibilidades de funcionamento nas relações de sentido entre os sujeitos que delas fazem parte e a põem em funcionamento. Não se trata de uma pesquisa sobre o jeito como a escola pesquisada organiza Rodas, nem tampouco uma pesquisa que visa a denunciar e

³ Por trabalho relevante entendo um trabalho que seja significativo para todos os profissionais da escola e, mais especificamente para as crianças e professoras. Um trabalho que os mobilize. Que nos encontros em Roda se estabeleçam relações e aconteçam aprendizagens significativas para ambos. Um trabalho em que a Roda seja um espaço e uma oportunidade de encontro para dialogarem sobre aquilo que lhes provoca, sobre aquilo que lhes convoca, - a um, a dois, a todos ou a grande maioria -; em que exista engajamento do professor e das crianças para se conhecerem e se darem a conhecer a partir da estrutura e das regras de funcionamento da Roda.

falar daquilo que é óbvio e já sabemos que acontece em relação à Roda, na maioria das escolas infantis. Refiro-me, mais precisamente, à redução do uso da Roda para, por exemplo, realizar a chamada, averiguar quem está presente ou ausente, preencher o quadro do tempo, preencher o calendário, informar a rotina do dia, escolher o ajudante do dia.

Tendo estas questões claras, logo após a defesa do projeto, me deparei com algumas dificuldades para o primeiro contato com a escola, como, por exemplo, problemas de saúde na família. A seguir, vivemos na cidade um período de “epidemia” em relação a gripe H1N1, o que inviabilizou a entrada de sujeitos estranhos nas escolas. Como medida de prevenção, aulas foram suspensas durante os meses de julho e o início de agosto, tanto em Instituições públicas, como privadas. Neste sentido, não tive outra alternativa que a de esperar que esse período passasse. No mês de setembro, fui enviada a trabalho para o México, o que me oportunizou uma experiência fantástica pela intensidade das experiências vividas. Se por um lado a frustração era grande por não ter conseguido atingir meu objetivo que era o de entrar em campo logo após a qualificação do projeto, por outro, o que vivi ao longo deste período contribuiu para amadurecer como pesquisadora. Durante este tempo, profissionalmente, pude viver diferentes Rodas no grupo de formação continuada de educadores que coordeno junto com uma colega na Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre. Foi uma experiência formativa importante ao refletir sobre os encontros que organizava e perceber as transformações individuais e coletivas vivenciadas por todos que dela participavam. Nestes encontros, minha participação não era como observadora de Rodas, mas sim como uma das propositoras e organizadoras do grupo que coordenava, e isso me ajudava a pensar sobre os sentidos que a Roda pode ter para os sujeitos com ela envolvidos, independente da idade ou do nível de escolaridade dos sujeitos.

Por conta de tudo isso, eu tinha claro que o tempo já estava curto e que eu precisava entrar o quanto antes na escola para realizar a pesquisa. Para tanto, tive que negociar minha entrada com a diretora da escola pretendida, que se manifestou muito receptiva. Conversamos bastante acerca do meu objeto de pesquisa, objetivos e escolha metodológica. Ao final desta conversa com a diretora da escola, percebi que havia um começo de vínculo se formando e o diálogo possibilitou a necessária confiança entre ambas as partes para a aprovação da realização da pesquisa. Percebi na conversa que havia um terreno interessante a ser observado. Nosso

“contrato” foi selado com o meu comprometimento por escrito de dar um retorno à escola a respeito da pesquisa após a defesa da dissertação. Fato que considero justo já que contamos com as Instituições para produzir dados e o mínimo que podemos fazer é dar uma devolutiva, a partir da defesa da dissertação. Só então recebi a autorização para acompanhar o trabalho de uma turma específica chamada de Grupo 5 (crianças de 5 anos de idade), no turno da tarde, a qual acompanhei durante quatro semanas entre o mês de novembro e dezembro do ano de 2009. No período em que frequentei a escola, a geração dos dados para a pesquisa se deu a partir da observação da rotina de trabalho do grupo 5 ao longo do turno da tarde, da observação dos encontros na Roda, de entrevistas semiestruturadas com a professora da turma e com a diretora da escola e de uma conversa semiestruturada com as crianças.

2.2 ESCOLHAS METODOLÓGICAS

Esta é uma pesquisa qualitativa que tem como instrumentos metodológicos a observação participante, a entrevista semi-estruturada, os desenhos produzidos pelas crianças e a produção de um diário de campo contendo as anotações por escrito acerca do que observei, vi, ouvi e a transcrição das gravações em áudio de todos os momentos observados. As entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com a professora da turma, com a diretora da escola e durante uma Roda de conversa com todas as crianças do Grupo 5. O foco desta pesquisa é a Roda, sua estrutura, suas regras de funcionamento e seus múltiplos sentidos na composição do cotidiano de um grupo de crianças e sua professora – o Grupo 5 – numa determinada escola infantil. Durante as quatro semanas que estive na escola para a geração dos dados, realizei duas observações de turno todo – de quatro horas cada turno, sempre de tarde – para entender como funciona a rotina de trabalho com as crianças e em que momentos a Roda faz parte desta rotina e com que funções e significados. Em outros momentos, realizei observações das Rodas organizadas pela professora referência das crianças no início da tarde e no final da tarde: são as Rodas chamadas de Roda inicial e Roda final. Os sujeitos da pesquisa são um grupo de crianças, sua professora e a diretora de uma escola em que a Roda é tida

como prioridade tanto na proposta pedagógica quanto na formação continuada dos professores que trabalham nesta escola.

A observação participante e a entrevista semiestruturada são instrumentos metodológicos que abrem a possibilidade de interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, sejam eles crianças ou adultos. A interação com as crianças, com a professora e com a diretora da escola na pesquisa de campo foi importante para formar vínculo, colocando todos mais a vontade, inclusive eu, nos momentos que nos encontrávamos. Falo de vínculo no sentido de estar aberta para ouvir, conversar, interagir e também perceber que as crianças, a professora e todas as demais pessoas da escola também estavam abertas para me receber e acolher, tendo claro que sou uma pesquisadora e procurei manter uma postura condizente com este papel. Minha intenção era estar aberta para interagir quando necessário, estabelecendo diálogo com os sujeitos envolvidos na pesquisa para compreender a estrutura e o funcionamento dos encontros na Roda, nas suas diferentes modalidades, no cotidiano daquele grupo, naquela escola de educação infantil. Percebi que este processo foi facilitado pelo fato de que os sujeitos pesquisados estão habituados a receber pesquisadores e em especial, a conversar não só entre eles, mas com quem os visita.

Considero que ao fazer pesquisa, afetamos e somos afetados pelos sujeitos envolvidos; interferimos e sofremos interferências, mesmo que este encontro seja por alguns dias. Minha presença junto ao grupo de crianças provocou algumas mudanças no cotidiano dos seus encontros. Percebi que nos primeiros dias, algumas crianças ficaram mais agitadas; outras lançavam olhares desconfiados e outras me perguntavam o que eu estava fazendo ali, ou o que era aquele aparelho que eu tinha comigo, referindo-se ao gravador. Eu também fui provocada pelo jeito como as crianças e a professora funcionavam, como por exemplo, o modo como geriam o tempo e o espaço. A rotina da tarde, período em que estive na escola, me revelou um grupo bem à vontade, pois o que determinava quanto tempo uma atividade durava, não era o relógio e sim a interação que se estabelecia entre as crianças e o objeto da atividade. O tempo e as atividades não eram fracionados de forma estanque e isto me provocou muito.

Minha entrada em campo foi exatamente como refere Vasconcelos (1997, p. 44) “mais do que estudar um cenário, eu estava a aprender com ele.” Portanto, como pesquisadora, entendo que todos esses elementos são signos que me

desafiam e ajudam ou não a ver, os dados produzidos em campo. Por isso, minha postura, ao tentar entender um aspecto específico da cultura das crianças nesta escola e também um elemento gerador de culturas infantis nesta escola – a Roda – foi a de alguém que se colocou junto com as crianças e sua professora para vê-las, ouvi-las e conversar com elas.

Havia planejado no projeto de pesquisa que, em algum momento da minha estada em campo pediria às crianças que desenhasssem sobre a Roda para depois conversar com elas a partir dos desenhos. Ao chegar à escola, me deparei com crianças que estão acostumadas a dialogar quando se encontram na Roda. Por conta disso, levei em consideração, uma conversa que tive com a professora referência das crianças, em que a mesma ponderou que eu poderia conversar com as crianças todas juntas, numa Roda convocada por ela e co-partilhada comigo na gestão da conversa. Foi assim que procedi, após participar como integrante das Rodas realizadas ao longo de quatro semanas e observar diferentes Rodas realizadas neste grupo de crianças. Nosso último encontro foi numa Roda inicial com todas as crianças, convocada pela professora, cuja coordenação foi co-partilhada comigo, para conversarmos sobre a Roda. Ao terminar a conversa, propus as crianças que desenhasssem como era a Roda. Nesse pedido, não indiquei nenhum dos tipos de Roda que havia presenciado na escola. Distribui folhas de papel reciclado⁴, tamanho A4, lápis de cor e canetinhas, e as crianças logo se organizaram e desenharam diferentes Rodas vividas por elas no cotidiano da escola. Durante o desenho, me chamavam para mostrar o que estavam fazendo. Depois que as crianças terminaram de desenhar, pedi autorização a elas para ficar com os desenhos, com o que todas concordaram.

Ao refletir sobre a conversa com as crianças na Roda de conversa sobre Roda e também sobre o modo como as crianças conversam em todas as Rodas observadas, percebo o quanto podemos aprender com elas, valorizando seus pontos de vista e respeitando suas opiniões, bem como o quanto precisamos aprender sobre fazer pesquisa com crianças. Concordo com Delgado (2007, p.109) quando diz que as crianças *são atores sociais competentes nas relações que travam*, e produzir uma investigação com elas e não sobre elas é um desafio. E foi

⁴ A escola só utiliza folhas de papel reciclado. Estas me foram alcançadas pela professora das crianças.

assim um grande, generoso e prazeroso desafio que, dentro do possível, espero compartilhar com o leitor desse trabalho.

2.3 A ESCOLA PESQUISADA

A escola, campo de estudo desta pesquisa, existe há quase três décadas e está situada na Cidade de Porto Alegre. É de caráter privado, e atende crianças da Educação Infantil até o 3º ano do Ensino Fundamental. Atendia no ano de 2009, cento e vinte alunos, sendo alguns em turno integral e outros em meio turno. Considerando os dois turnos de trabalho, a escola possui treze turmas. Conta com quinze professores, todos formados em Pedagogia. Atuam na Coordenação Pedagógica da escola duas pedagogas: uma no turno da manhã e outra no turno da tarde.

Está localizada num terreno amplo, bastante arborizado. Conta com quatro edificações não muito grandes: uma casa de dois andares adaptada onde funcionam duas salas de atividades⁵, cozinha, refeitório, sala de atendimentos, sala de vídeo e atividades de expressão, bem como um porão onde acontecem os encontros para a aula de educação física⁶; uma segunda construção onde funciona secretaria, sala da direção e espaço de convivência; uma terceira construção de dois andares onde funciona, no andar inferior, a sala de atividades do grupo 5 (turma pesquisada) e no andar superior uma outra sala de atividades; uma quarta construção de dois andares onde funciona no andar inferior a biblioteca e no andar superior uma sala de atividades. Nos fundos do pátio, há uma área coberta para atividades com todas as crianças, reuniões de pais e outras atividades da escola.

No pátio, há dois quiosques com mesas para a convivência das crianças; esse local também conta com duas praças, composteira, lago, ponte sobre o lago, horta, espaço para animais como o porquinho da índia, galinhas e tartarugas, redes

⁵ Usarei sempre este termo para designar a sala de cada grupo, onde as crianças e a professora se encontram todos os dias.

⁶ Esta descrição é de acordo com o que me foi apresentado por duas crianças, que se ofereceram para tal, respondendo ao pedido da professora sobre quem gostaria de me apresentar a escola. Percorreremos todos os espaços da escola e elas iam me indicando o nome dos lugares e o que funciona em cada um deles.

nas árvores e alguns espaços de convivência organizados com o objetivo maior de provocar o encontro dos professores e das crianças. Estes espaços recebem nomes específicos que me foram apresentados pelas crianças no percurso pela escola para conhecer suas dependências internas e externas, no primeiro dia de observação, conforme segue:

- Recanto das Pedras - espaço composto por pedras.
- Recanto da Água – espaço composto por um lago com pequena ponte.
- Recanto Nordeste – espaço composto por pedras grandes dispostas em formato circular.
- Recanto Fogo – espaço composto com tocos de madeira dispostos em formato circular.
- Recanto Sol – este espaço não tem lugar para sentar. Segundo as crianças, elas sentam no chão quando o frequentam.
- Recanto dos Ráfis⁷ - espaço composto por plantas.
- Recanto das Boas Vindas ou mesa da horta – espaço composto por mesa retangular com bancos fixos de cada lado.
- Quiosque
- Esconderijo secreto – nome dado por este grupo de crianças para o local que está localizado na parte da frente da escola, mais escondidinho do restante do pátio
- Espaço das danças circulares

Todos os espaços desta escola convidam os sujeitos ali reunidos a se encontrarem e a compartilharem. Eles foram organizados intencionalmente, tanto interna como externamente, em recantos, com bancos, mochos, sofás, tapetes, almofadas e outros objetos, com o objetivo de que quem chega nesta escola sintase acolhido, fique à vontade. Alguns espaços externos são organizados com pedras ou tocos de madeira dispostos na circularidade para as crianças e as professoras sentarem. No meio, há uma espécie de mesa feita do mesmo material dos bancos;

⁷ Ráfis é uma planta.

esses espaços também são de encontro em Roda. Cabe destacar que esta escola prioriza o encontro na Roda e orienta os professores a organizarem-nas com as crianças dentro dos espaços internos das salas de cada grupo etário, como também prioriza e organiza os espaços externos de modo a provocar o encontro e o aconchego.

2.4 A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA SALA PESQUISADA

A sala do Grupo 5 está localizada na parte térrea de um prédio de dois andares. Este prédio fica mais ao fundo do pátio, considerando-se o portão de entrada. É uma sala grande com janelas de vidro compridas e próximas do chão. A sala conta com um banheiro de uso exclusivo das crianças desta turma; nela há dois armários de aço com portas onde são guardados materiais como papéis, tintas, pincéis, revistas e outros, cujo acesso é exclusivo da professora. Na parede maior da sala, há uma prateleira de madeira ao alcance das crianças onde são guardados alguns jogos de encaixe e de percurso. Nesta prateleira, também há lápis de cor, livros e brinquedos como bonecas, quebra-cabeça e fantoches. Nas paredes da sala, tem ganchos para pendurar as mochilas, um espelho, um quadro-verde na altura das crianças, um painel com avisos, produções das crianças em desenhos e calendário. Na sala há uma mesa pequena e sobre a qual fica uma bombona de água e uma bandeja com canecas. Bem no centro da sala, há um tapete medindo cerca de quatro metros quadrados; sobre ele, algumas almofadas. Às vezes as almofadas ficavam próximas da parede (fora da área do tapete), e as crianças as levavam para o tapete. A sala também conta com mesas tipo classe em tamanho pequeno e cadeiras, acompanhando cada uma das mesas. As mesas estavam sempre próximas formando dois grupos, com sete mesas cada grupo. Em anexo, apresento uma planta baixa com a disposição do mobiliário e dos materiais descritos.

2.5 OS SUJEITOS DA TURMA PESQUISADA

A turma pesquisada foi o Grupo 5, onde estavam agrupadas as crianças de cinco anos de idade. A turma era composta por treze crianças, sendo nove meninos e quatro meninas. Este grupo era coordenado por uma professora formada em pedagogia com especialização em educação infantil, a quem chamarei de Tânia⁸. Esta professora tinha a parceria de uma professora apoiativa⁹ que chamarei de Daniela. Estudante de Pedagogia, essa fazia um trabalho de apoio nesta turma pelo fato de um dos alunos apresentar necessidades especiais. A professora Tânia já trabalha há seis anos na escola.

Observei que as crianças já estavam apropriadas da rotina e dos diferentes espaços da escola e haviam constituído alguns fazeres próprios daquele grupo como brincar na pracinha antes de começar o turno da tarde, lanchar no Recanto da Távola Redonda – como é chamado o Recanto Nordeste – ir para o esconderijo secreto, ouvir histórias com a luz da sala apagada e encontrar-se na Roda para conversar. Durante o período em que frequentei a escola, mais precisamente o Grupo 5, observei sujeitos que eram respeitados na sua condição de crianças, que tinham vez e voz, porque acompanhadas de adultos que prestam atenção nelas e a elas dão atenção e consideram seus dizeres importantes, valiosos e em igualdade de condições de interlocução com os adultos e entre elas. As crianças, nesta escola, são compreendidas como sujeitos que pensam, agem, sentem, têm desejos, medos, interesses e produzem cultura¹⁰. Esta escola prioriza o protagonismo das crianças criando espaços de interlocução, sendo que a Roda é uma das situações organizada pela escola de forma intencional para que as crianças, a partir do diálogo, das conversas, compartilhem o que quer que considerem adequado, relevante,

⁸ Usarei nomes fictícios para preservar a identidade de todos os sujeitos participantes da pesquisa conforme combinação realizada com a escola.

⁹ Professora apoiativa é a designação usada pela escola para os professores que tem a função de acompanhar as turmas onde tem crianças com necessidades especiais. Na turma pesquisada, havia um menino com paralisia cerebral que ainda não se locomove sozinho. Observei que outra turma também conta com professora apoiativa e tem uma criança com síndrome de Down. As professoras apoiativas são referências para todas as crianças do grupo e acompanham todo o trabalho da professora referência.

¹⁰ Quando afirmo serem as crianças produtoras de cultura, refiro-me à cultura de pares que é um termo utilizado por Corsaro (1997, 2003 apud Delgado e Müller: 2004), a partir das pesquisas que realizou com crianças em escolas de Educação Infantil na Itália e nos Estados Unidos. Refere-se às culturas produzidas pelas crianças entre elas mesmas. Não são pares de duplas, mas sim entre crianças em pequenos grupos. Segundo Delgado e Müller (2004: 49-50p.), ao comentarem as ideias de Corsaro, “as crianças não imitam ou internalizam simplesmente o mundo ao redor delas. Elas lutam para interpretar e fazer sentido em suas culturas e participar delas. As crianças coletivamente produzem seus próprios mundos e culturas de pares”.

necessário, prazeroso, curioso, surpreendente, banal, engraçado, triste... Diante disso, aprendam a compartilhar, aprendam a dialogar, aprendam a conversar.

2.6 A ROTINA DA TURMA PESQUISADA

No turno da tarde, a rotina do Grupo 5, iniciava-se por volta de 13h, com as crianças brincando no pátio da escola, acompanhadas pela professora apoiativa e terminava às 17h30, com os pais chegando para buscar as crianças. Como já mencionei anteriormente, este grupo era composto por treze crianças, sendo nove meninos e quatro meninas, além de duas professoras, uma referência e outra apoiativa. Destas treze crianças, seis frequentavam a escola em turno integral, sendo que, pela manhã, participavam de atividades lúdicas com outra professora. Às 13h30 chegava a professora referência que circulava pelo pátio indo ao encontro das crianças para dar boa tarde. Nesse momento, as crianças brincavam nos diferentes espaços do pátio. Tal qual a professora referência, eu sempre chegava às 13h30 para iniciar as observações, conforme combinação feita com a direção da escola e com a professora referência. Quando passei a observar somente a Roda inicial, ia embora logo ao final. Quando a proposta era observar a Roda final, eu chegava à escola às 16h45 para observar; muitas vezes, chegava antes do horário combinado e ficava observando o grupo de crianças com a professora que brincavam no pátio da escola.

Logo depois de circular pelo pátio e ir cumprimentando as crianças, a professora referência conversava com elas e as convidava para irem entrando para a sala de atividades. Pouco a pouco, as crianças se dirigiam para a sala de atividades onde tiravam os calçados e sentavam no tapete. A professora referência e a professora apoiativa também sentavam com as crianças no tapete após tirarem os calçados. A seguir começava a Roda inicial. Nos momentos subsequentes, realizavam uma atividade, lavavam as mãos para lanche, lanchavam no pátio, brincavam no pátio, voltavam para a sala para realizar uma atividade dirigida que poderia ser relacionada ao projeto de estudo ou não e a seguir realizavam a Roda final. Esta rotina – conforme o dia da semana – incluía também aulas

especializadas¹¹ de Educação Física, Hora do Conto na biblioteca, Agroecologia, Música e Multiidade¹². Também está presente na rotina do Grupo 5 outros momentos de encontro em Roda que dependem do dia da semana e da situação que se apresenta. Se organiza Roda com todas as crianças da escola no início da semana e no final da semana com o objetivo maior de harmonizar todo o grupo para ter uma boa semana e um bom final de semana; tem a Roda que é chamada de Ritual de Conselho¹³ e serve para as crianças e a professora tomarem decisões, resolverem conflitos e outras questões que envolvam pedir para falar através da posse do “bastão da fala”¹⁴; tem Roda quando as crianças lancham porque a organização do espaço, no pátio da escola, provoca que as crianças e as professoras estejam reunidas em Roda para lanchar. Além destas, nesta escola se organiza Roda com os pais, para fazer a reunião onde serão dadas as notícias sobre o grupo e sobre o trabalho desenvolvido e as reuniões de professores, são em Roda, do mesmo jeito que é a Roda com as crianças.

Diante da rotina acima exposta, importa, particularmente a esta pesquisa os encontros que acontecem na Roda no início do turno todos os dias. Esses encontros fazem parte de um ritual que organiza a vida deste grupo de crianças em conjunto

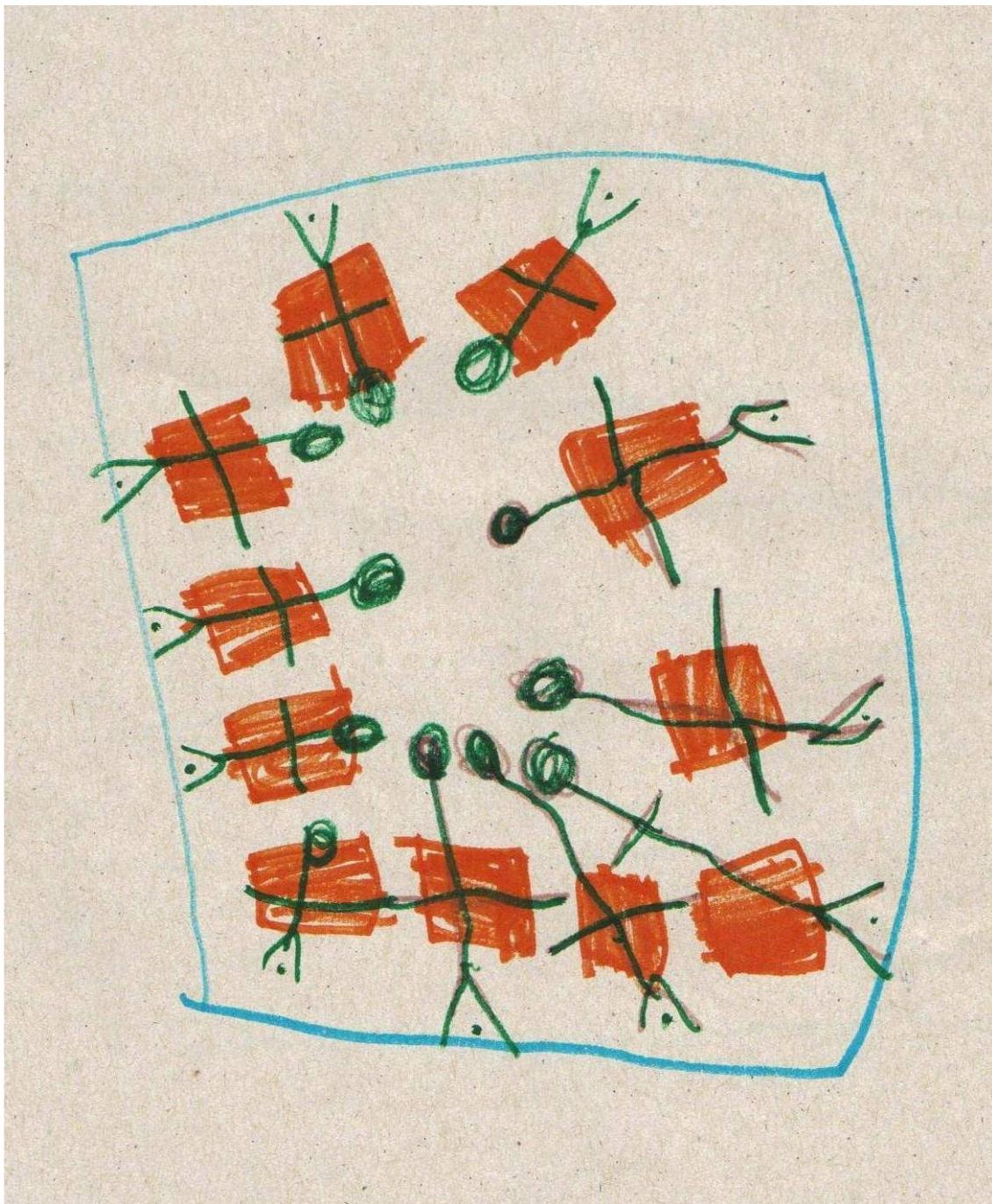
¹¹ As aulas de educação física, música, agroecologia e hora do conto são com professores especializados, com exceção da multiidade. A professora referência, em geral, acompanha o grupo de crianças nas aulas especializadas.

¹² Multiidade é uma proposta da escola em que cada professora, de cada grupo, fica com um grupo de crianças composto por crianças de diferentes grupos (do grupo 1 – crianças de 2 anos ao 3º ano do ensino fundamental – crianças de 8 anos) para juntos realizarem atividades durante uma hora. Esta proposta é de caráter experimental e acontece uma vez por semana, sempre no mesmo dia e na mesma hora. No momento combinado, um sino bem grande que está localizado na entrada do prédio principal da escola é tocado por algumas crianças com o apoio de uma professora e todas as crianças da escola se deslocam para as diferentes salas. Elas já sabem antecipadamente, porque foi combinado, para onde devem se deslocar. As crianças bem pequenas são conduzidas por uma de suas professoras da turma de origem. As maiores se deslocam sozinhas. Cabe destacar que são as crianças que se deslocam. As professoras ficam nas salas esperando as crianças chegarem para compor o grupo com crianças de diferentes idades e juntas realizarem as atividades pensadas para este momento. Cada professora planeja o que deseja fazer. Todas as salas recebem crianças. Quando o tempo para esta proposta termina, o sino é tocado novamente e todas as crianças voltam para suas salas. Observei um momento de multiidade com a professora referência do grupo 5, no qual a mesma realizou Roda com as crianças que estavam compondo o seu grupo. A Roda foi para contar história. Todas as crianças participaram. Algumas se aproximaram da professora, outras deitaram sobre o tapete. Nesta situação, observei que as crianças não chegaram a formar um círculo.

¹³ O Ritual de Conselho é uma prática instituída pela Escola para momentos onde seja necessário ouvir ou conversar sobre alguma situação que envolve o coletivo de cada grupo etário ou da Escola como um todo, de modo que, quem deseja falar deve estar de posse do bastão da fala. Esta dinâmica é utilizada em algumas situações da Escola. Não observei nenhum Ritual de Conselho.

¹⁴ “Bastão da fala” é um graveto recolhido no pátio da escola para simbolizar/indicar quem está com a palavra no Ritual de Conselho.

com suas professoras, realizados de forma intensa e provocativa pela interlocução entre todos que deles participam e os fazem acontecer.



3 A RODA COMO CONTEÚDO-LINGUAGEM

A realidade é uma rede complexa de relações através da qual os seres humanos tentam dar sentido e significado às suas vidas.

Vasconcelos (1997, p. 42)

A Roda faz parte de uma prática social que envolve o encontro de um coletivo de pessoas. Este modo de se encontrar existe há muitos e muitos anos em diferentes locais do mundo e foi organizado pelos humanos como uma das possibilidades para reunir as pessoas para fazer coisas juntas e ou tratar de assuntos do interesse de todas. As Rodas de Samba, as Rodas de Capoeira, as reuniões da Organização das Nações Unidas, a Conferência de Davos, o Programa Roda Viva, as reuniões dos Cavaleiros da Távola Redonda da lendária corte do Rei Arthur, são alguns exemplos destes encontros em Roda, em diferentes tempos, lugares e com diferentes pautas, mas com o mesmo sentido¹⁵, estrutura e regras de funcionamento. Ou seja, ao longo da história da humanidade, a Roda está presente em diferentes instituições, com diferentes objetivos, em diferentes épocas, lugares e culturas; a Roda insiste e chega até os nossos dias, indicando que existe como produção humana significativa, fazendo, desde sempre e imprescindivelmente, no mundo contemporâneo, muito sentido à continuidade da produção da humanidade daqueles que a convocam e a colocam em funcionamento.

Na escola infantil, a Roda também está presente e marca um encontro da maior importância entre – e para – professora e crianças. E quando falo da Roda na escola infantil, compreendo-a como Roda de Conversa, ou seja, um encontro entre professora e crianças para conversar sobre aquilo que lhes interessa, provoca, impressiona, instiga sobre o que estão estudando e desejam conhecer e aprender; sobre o familiar, o próximo, o cotidiano e o distante, o estranho, o inusitado; sobre seus medos, dúvidas e sentimentos; sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Dessa

¹⁵ Com o mesmo sentido quando penso na intenção de se encontrar para fazer algo juntos e que diga respeito a todos os participantes.

forma, conhecidas e acionadas a estrutura e as regras de funcionamento da Roda, se há Roda, há conversa!

A Roda a que me refiro, portanto, é uma Roda para conversar, em que o diálogo precisa estar presente, pode e precisa ser aprendido. Segundo Paulo Freire (1987, p. 78), “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu”. Por conversa, entendo, em parceria com Freire (1987), o exercício da fala, da palavra para conversar, comunicar-se de forma democrática, numa interlocução entre diferentes vozes: às vezes, com o outro; às vezes, consigo mesmo; às vezes, através de linguagens não verbais, as mais polifônicas, e até mesmo com o silêncio. Não é só a expressão da palavra pura e simples, mas de ideias, pensamentos, sentimentos, gestualidade, humor – ou a falta dele –, dramaticidade, concepção de mundo, ação e posicionamento diante da realidade, revelados, portanto, em linguagens verbais e não verbais enquanto se conversa. Na conversa, há a possibilidade de encontro com o outro, consigo mesmo e com o mundo – o mundo de cada um e o mundo maior do qual todo mundo faz parte e que, portanto, é de todo mundo – e esse encontro pode conduzir a um entendimento e uma intervenção sobre si mesmo, sobre o outro e sobre o mundo.

Portanto, encontrar-se na Roda para conversar é um funcionamento humano que se dá a partir de estrutura e regras próprias de funcionamento, produzidas e acionadas pelos diferentes sujeitos que a convocam e a colocam em funcionamento, no caso da escola infantil, as crianças com a professora. Neste sentido, Roda é linguagem, na perspectiva apontada por Junqueira Filho (2005), que busca em Charles Sanders Peirce a fundamentação teórica para o conceito de linguagem. Para Peirce (apud JUNQUEIRA FILHO, 2005), linguagem é toda e qualquer produção, realização e funcionamento do homem e da natureza; cada linguagem tem estrutura e regras próprias de funcionamento a partir das quais pode ser aprendida e continuar a ser produzida, como é o caso da Roda, produção, realização, funcionamento humano que é. A partir dessa concepção de linguagem, Junqueira Filho (2005) elabora uma concepção de conteúdo, aplicada à escola infantil, significando conteúdo como linguagem – conteúdo-linguagem –, ou seja, conteúdo como toda e qualquer produção, realização, funcionamento do homem e da natureza. Se para Peirce tudo é linguagem, para Junqueira Filho (2005), tudo o que é produzido na escola, tudo o que se realiza na escola, todos os

funcionamentos que põem em funcionamento a escola, tudo o que se conversa, pinta, canta, dança, modela, brinca, joga, dramatiza, lê, escreve, classifica, ordena, quantifica, chora, ri, briga, bate, apanha, espirra, faz febre, xixi, cocô, vomita, come, dorme, combina, atrasa, comemora na escola, é linguagem, é conteúdo-linguagem.

Cada uma dessas linguagens a que me refiro, cada um desses conteúdos-linguagem, para ser aprendido e para continuar a ser produzido como linguagem, precisa ser explorado e apropriado em sua estrutura e em suas regras próprias de funcionamento, seja pelas linguagens verbais (no caso da Roda, as falas dos participantes, as pautas, as anotações por escrito feitas pela professora durante a Roda, por exemplo), seja pelas linguagens não verbais (no caso da Roda, o local onde se realiza, a organização espacial do lugar e a organização corporal dos participantes nestes encontros, a duração, a gestualidade pedindo inscrição para falar, por exemplo).

É nessa perspectiva que posso afirmar – e afirmo – que a Roda é um conteúdo-linguagem, pois é uma das realizações e um dos funcionamentos que compõem e dão a conhecer a vida e a rotina das crianças, professoras e professores na escola infantil. Para ser colocada em ação, precisa ser estudada como conteúdo-linguagem que é, aprendida em sua estrutura e em suas regras próprias de funcionamento, pelas crianças e pelo professor, em linguagens verbais e não verbais, ou seja, Roda se aprende; Roda se ensina!

Venho, repetidamente, afirmando que a Roda é sua estrutura e regras próprias de funcionamento acionadas pelos sujeitos que dela fazem parte e a põem em funcionamento. Chegou o momento de dizer, afinal, o que considero como estrutura e regras próprias de funcionamento da Roda. Demarcadas em linguagens verbais e não verbais, identifico, de modo geral, mas, principalmente, nas Rodas observadas junto ao Grupo 5, na escola onde produzi os dados da pesquisa de campo, a seguinte estrutura e regras de funcionamento:

- O planejamento e o registro da Roda;
- O local, a organização espacial do local e os recursos materiais para a organização espacial do local onde a Roda é realizada;
- A postura e a organização espacial dos corpos dos sujeitos que participam da Roda;

- A convocação e a coordenação da Roda por um desses sujeitos, geralmente o professor. A convocação é feita oralmente, chamando os sujeitos para a Roda, discorrendo, também oralmente, sobre as ações para inscrição de pedido da palavra e a conseqüente audição enquanto alguém está falando, articulando seu desenvolvimento e encerrando-a;
- A pauta desses encontros (registrada por escrito e/ou apenas comunicada oralmente);
- A duração e sua relação com a função, as características e os objetivos de cada uma das diferentes Rodas observadas;

Essa estrutura e essas regras de funcionamento foram identificadas em todas as Rodas observadas durante a pesquisa de campo; no entanto, cada uma delas foi realizada singularmente, devido às diferentes conversas realizadas em Roda, aos humores e aos níveis de envolvimento de seus participantes, por exemplo. Com isto, estou dizendo que cada Roda é única porque cada uma delas é colocada em funcionamento de acordo com o que – a cada momento – os sujeitos que a organizam e dela participam compreendem sobre sua estrutura e suas regras próprias de funcionamento, como também pelos humores e níveis de envolvimento desses sujeitos com esta estrutura e regras de funcionamento. Portanto, toda a Roda tem estrutura e regras próprias de funcionamento, que dependem dos sujeitos que se reúnem e a colocam em funcionamento. Julgo importante também dizer que são as regras que colocam a estrutura da Roda em funcionamento. Sendo que, quando falo em regras, não me refiro àquelas normas criadas pela professora ou pela escola sobre a Roda antes de encontrar com as crianças, mas sim as regras postas em funcionamento quando do encontro da professora com as crianças em Roda, como por exemplo, ouvir o que o outro está dizendo, falar um de cada vez, encontrar-se no lugar combinado para realizar a Roda, dentre outras. Quando me refiro à estrutura da Roda, falo daquilo que é necessário para a Roda existir, como por exemplo, os sujeitos (a professora e as crianças), um local (a sala de aula e na sala de aula um lugar, fixo ou móvel; ou um recanto do pátio, por exemplo), a conversa (o diálogo entre professor e crianças); dentre outras. Portanto, toda Roda precisa de estrutura e de regras para funcionar, mas com isto não estou dizendo que toda Roda deve ser igual e nem estou prescrevendo como uma Roda deve ser. O

que aponto são os signos que identifiquei, indicadores e geradores da estrutura e das regras de funcionamento das Rodas que observei.

Convém esclarecer também que, por exemplo, mesmo que a Roda não priorize a conversa como um de seus objetivos, mesmo que ela seja um encontro prescritivo e linear, cuja pauta restringe-se a realizar a chamada, apresentar a rotina de trabalho do dia e escolher o ajudante do dia, ainda assim, ela é um conteúdo, pode ser lida como linguagem, tem regras e uma estrutura de funcionamento, pois indica e ensina um jeito, uma possibilidade de ser e funcionar como Roda, indicando, conseqüentemente, os funcionamentos daqueles que dela participam e a colocam em funcionamento dessa maneira. Durante a pesquisa de campo não observei nenhuma Roda que tivesse sido realizada com essas características que acabei de indicar; no entanto, conforme descrição feita por Petry (2009, p. 133; 139), relativa ao modo como a professora organiza a Roda com as crianças muito frequentemente, esse é o sentido dado à Roda pelos profissionais que a colocam em funcionamento.

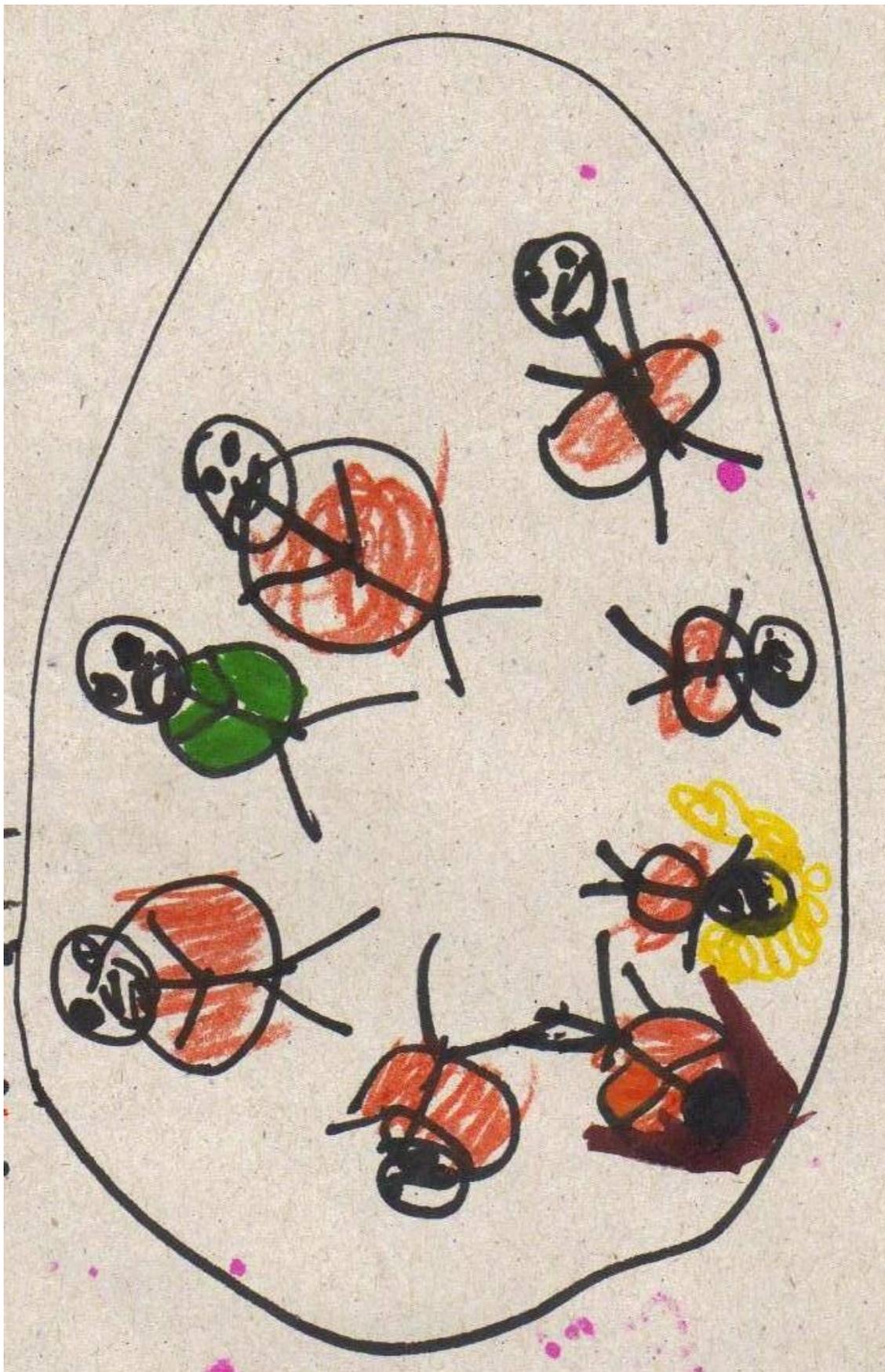
Torno a dizer que a Roda – sua estrutura e suas regras próprias de funcionamento em funcionamento – podem ser estudadas e aprendidas pelo professor ao longo de sua formação e traduzida em prática junto às crianças, que aprendem a Roda pelo jeito como o professor a coloca em ação, quando a convoca – e as convoca – para este encontro na Roda. À medida que o professor vai estudando, praticando e analisando a dinâmica da estrutura e das regras de funcionamento, vai se dando conta que cada grupo que ele coordenar ao longo de um determinado período fazendo Rodas, pode contribuir para a continuidade da produção da estrutura e das regras de funcionamento das Rodas que realizarem juntos, por conta das características de cada sujeito que compõe este grupo e do modo como juntos se encontram e se produzem – e produzem a Roda - nesse encontro em Roda.

Pensando nisso, acredito que os encontros na Roda são complexos e não previsíveis. Uma Roda nunca será igual a outra mesmo que sua estrutura e suas regras de funcionamento sejam as mesmas, ou seja, um professor pode escolher sempre o mesmo local para realizar a Roda, organizar e coordenar o grupo sempre do mesmo jeito, elaborar e colocar a pauta em funcionamento da mesma maneira como faz todos os dias, mas, por conta da produção de complexidade e singularidade que se dá na Roda, do encontro do professor com as crianças e do

que cada um pode ou não trazer para esse encontro, a mesma estrutura e as mesmas regras colocadas em funcionamento todos os dias pode produzir Rodas diferentes e não previsíveis; no entanto, sempre muito complexas, justamente pelos desafios de articulação que a Roda propõe a todos os seus participantes. E essa não previsibilidade não significa necessariamente que algo deu errado, uma vez que a estrutura e as regras de funcionamento da Roda – como as de toda e qualquer linguagem – existem para, ao serem postas em funcionamento, gerar signos que indiquem sobre a própria Roda e também sobre todos os que dela participam, pela possibilidade que a Roda oferece de que todos podem aprender, gerar conhecimentos, gerar dados, gerar signos sobre a relação que cada um dos participantes da Roda tem consigo mesmo, com o outro, com o conhecimento e com o objeto de conhecimento – com o conteúdo-linguagem – Roda.

Portanto, estou me referindo à possibilidade que a Roda em funcionamento tem de indicar sobre de que maneira e com que intensidade cada um dos participantes da Roda afeta e é afetado pelo que na Roda acontece, pois, a Roda, ao ser posta em funcionamento, também aciona, põe em funcionamento a estrutura e as regras de funcionamento de cada um dos participantes da Roda na sua relação com a Roda, gerando, portanto, signos mais ou menos familiares e até mesmo signos nada previsíveis sobre a Roda e seus participantes. Quando falo de signos, falo na perspectiva defendida por C. S. Peirce e apresentada a mim por Junqueira Filho (2005), ou seja, como tudo aquilo que representa em parte, sempre em parte, o objeto a que se refere. Sendo que um signo não é o objeto em si e nem o interpretante, mas uma produção do interpretante sobre o objeto. Quem produz o signo ou o lê, produz outros signos, ou seja, cada vez que observo ou leio algo ou alguém, produzo significados para o que vejo – signo gerando signo – e assim produzo sentidos, seja sobre o que li, seja sobre os signos produzidos por mim, seja sobre mim mesma, na condição de leitora e produtora de signos que sou. Quando o professor está na Roda com as crianças, ele produz signos sobre a Roda, sobre a relação das crianças com a Roda e sobre si mesmo. O mesmo acontece com as crianças, que produzem signos sobre a Roda e seu funcionamento, sobre a relação delas com o funcionamento da Roda, sobre a relação da professora com elas e com a Roda. O professor e as crianças são sujeitos leitores uns dos outros e de tudo que os cerca. Portanto, podem ser parceiros?

Sobre essa questão vamos conversar a seguir.



4 AS CRIANÇAS E A INTERLOCUÇÃO COM OS ADULTOS NA RODA

Professores e alunos são uma dupla forte, um par dinâmico que pode muito na vida de cada um deles...

Junqueira Filho (2005, p. 54)

As crianças são seres que pensam, agem, sentem, têm necessidades, desejos, vontades; são atores sociais, porque estão e são inseridos na sociedade desde que nascem. Isso significa dizer que criança não é receptáculo passivo das doutrinas dos adultos (JAMES E PROUT, 1997, apud DELGADO E MULLER, 2005). Também concordo com Oliveira (2004, p. 199) quando esta diz que as crianças são *seres que se expressam criativamente, criticamente, que reproduzem e criam cultura, que interpretam as coisas do mundo de maneira própria sem que isto as deixe em posição inferior ao adulto.*

Neste sentido, as crianças podem ser interlocutoras à altura dos adultos e com estes constituírem uma relação de parceria (JUNQUEIRA FILHO, 2005), porque são capazes, dentre outras coisas, de estabelecer diálogos consistentes¹⁶ com os adultos. As crianças interagem no mundo adulto porque negociam, compartilham e criam culturas (DELGADO e MULLER, 2005), sendo que a Roda é uma das situações na qual as crianças podem ter voz, partilhar suas experiências e seus pontos de vista. Estou falando de um encontro diário entre pares¹⁷ que estão juntos na Roda, mediados por uma proposta pedagógica que se produz e se realiza num

¹⁶

Consistentes porque as crianças ao interagirem com os adultos, desde bem pequenas, aprendem a falar, a estruturar uma fala em frases e frases em sequências e assim produzem narrativas. A criança, na interação com a cultura, seja por interlocução com os adultos ou com outras crianças, produz e é produzida pela cultura, constituindo sentidos e significados expressos em diferentes narrativas para e sobre as pessoas e o mundo. Estas narrativas, quando consideradas pelo adulto, são reveladoras do modo como pensam e sentem esse mundo e os sujeitos que o constituem, portanto criança tem o que dizer, ainda que por vezes ela não saiba se narrar na mesma lógica e fluência esperadas pelo adulto. Mas o que dizer dos adultos que, já adultos, muitas vezes não conseguem se narrar com a lógica e a fluência que se espera de um adulto? Por que não, então, conversar, adultos e crianças, crianças e crianças, adultos e adultos do jeito que cada um, há seu tempo, consegue se narrar?

¹⁷

Entendo junto com Junqueira Filho (2005) e Belloni (2009) que adultos e crianças podem ser pares. É claro que adulto é diferente de criança. Adulto é aquele que sabe um pouco mais porque já viveu mais. Toda criança precisa de um adulto experiente que possa lhe cuidar, partilhar e problematizar saberes, afetos, emoções, imaginação, risadas. Alguém que seja uma pessoa que se pode confiar e contar.

tempo e espaço determinados, numa troca de conhecimentos, sentimentos, afetos, emoções, de culturas pelos acontecimentos que se darão neste tempo/espaço. Com isto não estou dizendo que criança é igual a adulto.

Para Cohn (2005, p. 33), a diferença entre as crianças e os adultos não é quantitativa, mas qualitativa; a criança não sabe menos, sabe outra coisa. Concordo com essa autora e entendo que crianças têm saberes de outra ordem; não se pode dizer que a criança é melhor ou pior que o adulto, ou que é menos experiente que este, pois ela pensa e experiencia a vida de maneira diferente do adulto (OLIVEIRA, 2004, p. 186). Estou dizendo é que precisamos aprender as crianças nos seus diferentes jeitos de ser e viver. E uma das situações que identifico para aprender as crianças e com elas é o encontro na Roda pela possibilidade de interlocução que se estabelece, por ser este um dos espaços privilegiados de encontro entre pares – adultos e crianças, com todos os confrontos e constrangimentos, com todo o planejamento e o inusitado, com todas as tristezas e alegrias que existem nesse encontro, por conta de ainda sabermos pouco sobre as crianças e de, muitas vezes, insistirmos em lançar um olhar reducionista a partir do mundo adulto, perdendo a oportunidade de conhecê-las na sua intensidade e complexidade.

A Roda que defendo é uma Roda de conversa, conforme já referi. Portanto, envolve partilha de narrativas, experiências e culturas pela diversidade dos que dela participam e dos diálogos produzidos neste encontro, tanto verbais quanto não verbais. Nesta perspectiva, quando a criança se encontra com o adulto na Roda pode construir uma cumplicidade pelos jogos de olhares e significados comuns que juntos compartilham e pelo engajamento das crianças na conversa quando estas percebem que tem quem as escute e preste atenção no que estão dizendo.

Quando falo em compartilhar significados comuns, falo da Roda como uma das situações, diante de várias outras, que constitui a vida-história de grupo. Vida-história de grupo é um conceito cunhado por Petry (2009, p. 79) definido como “composição singular produzida a partir das relações entre sujeitos, situações, experiências e contextos específicos”. Portanto, quando as crianças chegam na escola e passam a compartilhar o e do espaço escolar – inseridas num grupo coordenado por uma professora – elas constituem uma vida-história de grupo com tudo aquilo que as produzem e que juntas produzem como grupo. Com isso, quero dizer que o encontro na Roda produz e põe em funcionamento a vida-história de grupo, as culturas infantis, a produção de si, do outro e do mundo.

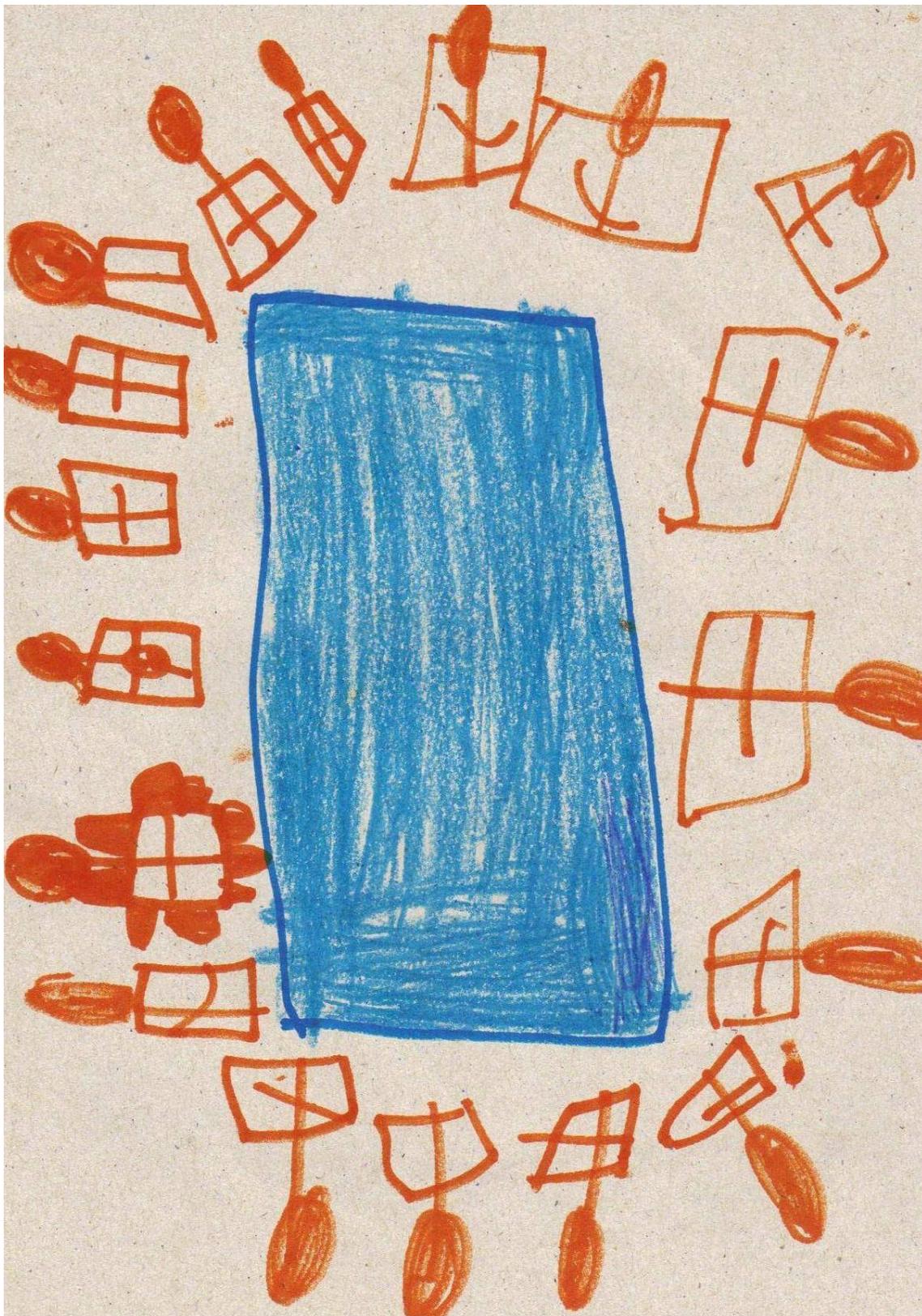
Nesse sentido, o encontro na Roda é um momento muito importante pelas diferentes possibilidades que provoca ou pode provocar nos sujeitos que dele participam. Estou falando de perceber, produzir e colocar em funcionamento o que sabem sobre si, sobre o outro, sobre o mundo, sobre conversar, assim como o seu modo de colocar em funcionamento a Roda e todas as possibilidades de interlocução que se estabelece. Ou seja, não é um ato em que o adulto-professor utiliza a Roda como estratégia para depositar ideias nas crianças, nem tampouco um momento de pregar suas ideias como verdades únicas para convencer as crianças.

A Roda possui estrutura e regras de funcionamento que, conforme as crianças junto com a professora – aprendem e as colocam em funcionamento, começam a organizar a conversa – aprendendo a conversar, a ouvir e a prestar atenção no que está sendo dito. Nesta perspectiva, há um respeito e uma valorização das crianças e de tudo aquilo que elas trazem para esse encontro, bem como elas são provocadas a respeitar, a valorizar e a pensar de modo que comecem pouco a pouco a perceber os sentidos que existem no que fazem e dizem e penso que essa é uma grande contribuição para a constituição delas como sujeitos de sua própria vida-história. Estar na Roda e dela participar pode ser um momento importante para conhecer a si mesmo, o outro, a professora e o mundo, cada um, em todas as suas possibilidades de interlocução. Penso que quando a Roda acontece com interlocução, ela passa a ser um desejo do grupo como um todo, do professor e das crianças porque faz sentido para seus participantes.

Outra questão importante a ser considerada é que no encontro da Roda se produz cultura e memória. Estou falando do modo como os participantes da Roda (se) organizam, vivenciam, (se) socializam, produzem e se produzem nesse encontro, constituindo não só uma cultura e uma memória de grupo, mas também uma cultura e uma memória da e para a escola, ao planejar, realizar e registrar, intencionalmente, os encontros na Roda. Entendo que o que se dá neste encontro da e na Roda, envolve produção de sentidos: vai ser significado pelos sujeitos cada um do seu jeito, de acordo com sua vida, história, suas memórias, seu tempo e conforme o que o mobiliza e o faz sentir e pensar. Dito de outro jeito penso que esses encontros na Roda e em Roda, podem marcar a vida dos sujeitos que deles participam. Quando falo de marcas estou me valendo desse conceito na acepção que Pereira (2007) dá a ele, ou seja, para me referir às formas insistentes dos sujeitos de se colocarem no mundo. Formas que são flexíveis e que, mesmo

insistentes, sofrem constantes transformações, que são levadas para a Roda pelo funcionamento da Roda na relação com o funcionamento de cada um dos participantes que põem a Roda em funcionamento, marcas que são afetadas e para a Roda retornam numa circularidade como a própria organização espacial da Roda.

Portanto, tendo como fio condutor o referencial teórico escolhido e tudo que observei e aprendi na pesquisa de campo vamos conversar no próximo capítulo sobre a estrutura e as regras de funcionamento da Roda, na relação com o protagonismo das crianças. Tanto um quanto outro foram identificados por mim, a partir das Rodas observadas na escola pesquisada e vão nos ajudar a significar a Roda como conteúdo-linguagem e a reafirmar o protagonismo infantil, completando o percurso a que me propus no início desta dissertação.



5 ESTRUTURA E REGRAS DE FUNCIONAMENTO DA RODA

Quando as crianças chegam à escola pela primeira vez, pouco a pouco, pelo encontro com a professora e com seus pares, vão aprendendo os funcionamentos da Escola, os funcionamentos dados para as diferentes situações que da Escola fazem parte e ou que nela surgem e a colocam em funcionamento.

A Roda é uma das situações que aparece com certa frequência em grande parte das escolas infantis, compondo o cotidiano e a rotina de trabalho das professoras com as crianças. Quando digo que entendo a Roda como uma linguagem, como um conteúdo-linguagem, quero dizer que as crianças e a professora, quando se encontram na Roda, aprendem a estrutura e as regras próprias de funcionamento da Roda pelo modo que, juntas, a colocam em ação, qualquer que seja o objetivo da Roda, sendo a Roda produzida a partir de conversas entre seus participantes ou, como já mencionei, apenas como uma estratégia para fazer a chamada, preencher o quadro do tempo, informar sobre a rotina do dia, sortear o ajudante do dia. Se a Roda pode ser aprendida tanto pela professora quanto pelas crianças, isso significa, do meu ponto de vista, que ela é um conteúdo, uma linguagem. Um conteúdo porque tanto a professora quanto as crianças, em momentos diferentes de sua trajetória como professora e crianças, não a conheciam e passam a conhecê-la; também uma linguagem, na medida em que é uma produção, uma realização, um funcionamento daqueles que a colocam em funcionamento e, porque em funcionamento, torna-se passível de ser aprendida por todos que dela participam. Lida dessa maneira, sabemos que há muitas e diferentes Rodas sendo feitas nas práticas em prática nas escolas de educação infantil; no entanto, nesta pesquisa, me interessa apresentar e explorar o modo como a professora da escola onde realizei a pesquisa de campo organiza e põe em funcionamento a Roda inicial com as crianças, que é a Roda que acontece no início da tarde.

Pensando nisso, a questão que me acompanha e desafia e que será fio condutor da continuidade da nossa conversa é: como as professoras e as crianças aprendem a Roda – e sobre a Roda – nesta escola em que a pesquisa de campo foi realizada? Em outras palavras, qual a estrutura e as regras de funcionamento que são acionadas, que põem a Roda em funcionamento e, conseqüentemente,

possibilita que seus participantes produzam conhecimento sobre a Roda, seus sentidos, estrutura e regras de funcionamento, produzindo-se e reconhecendo-se como interlocutores diante de seu consentimento e da participação na Roda?

Na escola onde realizei a pesquisa de campo, há um saber sobre Rodas já instituído entre as crianças e entre os professores. Algo que foi aprendido pelas orientações recebidas da coordenação/direção da escola, pela observação, pela participação, pelo encontro cotidiano entre estes sujeitos, interlocutores uns dos outros, pela intencionalidade desta escola em organizar Rodas, pela continuidade, organização, relevância – aliás, prioridade – dada por esta escola para este encontro na Roda. As crianças aprendem porque estão umas com as outras e sob a coordenação de uma professora que aprendeu a organizar a Roda e colocá-la em funcionamento. Estou afirmando que a Roda, para ser aprendida, precisa ser explorada e apropriada em sua estrutura e em suas regras próprias de funcionamento.

Qual seria a estrutura e quais seriam as regras próprias de funcionamento da Roda nesta escola? Como já mencionei anteriormente, nesta escola, são realizadas Rodas com vários sentidos, objetivos, em diferentes lugares e momentos da rotina dos grupos, composta por diferentes agrupamentos de crianças. No entanto, das diferentes Rodas observadas, a Roda que – particularmente – me interessa, por ser a Roda de duração mais longa e também a que diz mais respeito à singularidade do grupo pesquisado, é a Roda inicial. É a Roda inicial que vou analisar, no sentido de identificar sua estrutura e suas regras de funcionamento, a partir das quais as crianças aprendem a Roda, aprendem a estar em Roda, se aprendem em suas relações com a estrutura e as regras de funcionamento da Roda, aprendem sobre a professora que propõe insistente e veementemente a Roda, aprendem sobre o passado de sua humanidade que um dia produziu a Roda, aprendem a humanizar-se pelo encontro e pelo diálogo inerente à estrutura e às regras de funcionamento da Roda, entre tantas outras aprendizagens. Sigamos conversando, portanto, a partir do que estrutura e põe a Roda em funcionamento.

5.1 O PLANEJAMENTO E O REGISTRO DA RODA

Penso que toda Roda levada a sério, em sua estrutura e regras próprias de funcionamento, - portanto, a Roda observada na escola em que a pesquisa foi realizada - começa antes mesmo de o professor ir ao encontro das crianças e convocá-las para a Roda; começa quando o professor planeja a Roda, retomando suas memórias e seus registros sobre as Rodas anteriores, pensando-a na relação com as demais situações que vão compor a rotina do dia. Mesmo que a Roda seja realizada todos os dias, tão certo quanto a higiene, o pátio e o lanche – por exemplo – não significa que será posta em funcionamento como uma situação automatizada, que não precisa ser planejada. Digo isso, porque a elaboração da pauta de cada Roda é uma das tarefas mais importantes a ser realizada pela professora, na medida em que, demanda, dia a dia, a retomada e avaliação da trajetória do grupo, buscando identificar e trazer para a Roda assuntos que estão mobilizando as crianças ou que precisam, segundo a professora, ser apresentados a elas para serem debatidos entre todos, na medida em que se trata de assuntos que dizem respeito a todos do grupo e, portanto, a todos os participantes da Roda.

As pautas da Roda têm, portanto, também, a função de memória coletiva do grupo e da Roda, na medida em que guardam parte da memória da Roda e, dessa maneira, da história dos assuntos tratados em Roda pelo grupo, sendo, conseqüentemente, um signo da Roda, uma vez que indicam algo sobre tudo o que acontece na Roda, contribuindo dessa maneira para a professora continuar planejando as pautas das demais Rodas: sua composição, cálculo aproximado de sua duração na relação com a quantidade e a relevância dos temas a serem abordados e do que pretendem realizar ao longo do dia para além da Roda, entre outros elementos a serem considerados. Neste sentido, a pauta da Roda precisa ser documentada pela professora, não necessariamente para levar para o encontro com as crianças – até pode, se for preciso, se a professora entender importante –, mas para registrar essa trajetória do grupo a partir dos assuntos que estão sendo tratados, com o objetivo de ajudar a professora a refletir sobre cada encontro e a partir dessa avaliação, pensar e organizar os próximos encontros em Roda. E não apenas registrar as pautas, mas tudo o que for dito e silenciado pelas crianças, em linguagens verbais e não verbais; tudo que considerar significativo sobre os

funcionamentos das crianças, sobre ela mesma, professora e sobre a Roda. Pode ser por escrito, de maneira esquemática, para não interferir no andamento imediato da Roda, para ser retomado e detalhado posteriormente; ou com o auxílio do uso de um gravador de áudio, registrando todas ou muitas das conversas em Roda, organizando um verdadeiro arquivo sonoro que pode ser consultado e explorado a partir de muitas situações e com muitos objetivos. Ou seja, se a Roda começa a ser organizada quando a professora começa a planejá-la, é importante que tenhamos claro que, para colocar a Roda em funcionamento, é preciso que alguém intencionalmente planeje, organize e convoque as crianças para a Roda.

5.2 A CONVOCAÇÃO DA RODA

Além de intencionalmente planejar e organizar a Roda, é preciso que alguém a convoque, o que pode ser feito através de uma expressão verbal ou gestual, ou até mesmo do soar de um sino, um apito, uma música, desde que esse sinal de convocação seja previamente acordado com as crianças. Na escola onde realizei a pesquisa de campo, é a professora referência que convoca as crianças para a Roda, ainda no pátio, logo depois que cumprimenta as crianças, dizendo: - Gente, Roda inicial!!!! Durante o período que estive em campo, na maior parte das vezes, esta convocação, se deu a partir dessa expressão verbal ou de outra similar.

São 13h50. Todos já tiraram seus calçados e estão sentados na Roda. Eu estou em pé, esperando ser convidada para participar. Professora pergunta se eu quero sentar junto ou ficar de fora da Roda. Manifesto que quero sentar junto. Tiro os sapatos e sento ao lado das crianças.

Diário de Campo – 16/11/2009.

Tanto os participantes fixos da Roda e também os eventuais, são convocados ou convidados pela professora referência. Sendo assim, nesta escola, a Roda inicial é uma Roda que acontece quando as crianças e a professora referência e apoiativa se encontram no início da tarde, a partir da convocação da professora referência chamando para a Roda.

No quadro abaixo, apresento algumas maneiras a partir das quais observei a professora convidando as crianças para organizarem a Roda, como as crianças reagiram a esses convites e quem inicia a conversa na Roda:

Dia	Tipo de Roda	Como é a convocatória para a Roda inicial, como as crianças reagiram ao convite e quem inicia a conversa na Roda
16/11/2009	Roda Inicial	Não houve convocatória expressa verbalmente. Logo que as crianças entraram do pátio começaram a se organizar: tiraram os sapatos e colocaram numa caixa. Alguns colocaram pantufas nos pés e outros ficaram de meias ou de pés descalços. Pegaram a pasta com o tema, uma almofada e sentaram sobre o tapete localizado no meio da sala. Professora referência disse: Vamos fazer a Roda de harmonização. A seguir, perguntou para as crianças quem desejava coordenar a Roda de harmonização.
17/11/2009	Roda Inicial	Logo que entraram do pátio, professora referência propôs verbalmente que as crianças organizassem a Roda. As crianças foram tirando os calçados e sentando sobre o tapete em formato de círculo. Às 14h05 começou a Roda. As crianças perguntaram para a professora referência se o lanche seria com o grupo multiidade. Ela disse que não e esclareceu que o lanche com a multiidade seria só na semana da criança.
23/11/2009	Roda Inicial	Na sala de atividades, a professora referência convocou a Roda pedindo verbalmente que as crianças pegassem as almofadas para sentarem no chão e organizarem a Roda. As crianças começaram a se organizar. Neste dia não tiraram os calçados. Estavam sem o tapete porque uma criança havia vomitado sobre esse no dia anterior. Sentaram-se sobre as almofadas. Quando a professora referência veio para a Roda disse: - Bom, boa tarde grupo 5! As crianças responderam boa tarde. (Este é o momento em que a professora formaliza o começo da Roda)
25/11/2009	Roda Inicial	Professora referência convidou as crianças, verbalmente, para organizarem a Roda. Na sala de atividades, sem o tapete e sem almofadas. Crianças e professora sentaram direto no chão em formato de círculo. Todos estavam sem os calçados. Estava calor. A Roda começou com uma conversa iniciada pela professora. Professora lembrou o que realizaram no dia anterior e combinou que no dia de hoje iriam escolher as atividades que poderiam ser feitas dentro do tema estudado. Conversaram um pouco olhando para o que estava escrito no papel. (No chão, no meio da Roda, havia um papel com o registro de tudo o que planejaram estudar)
02/12/2009	Roda Inicial	Na sala de atividades, a professora referência disse: - Gente, Roda inicial! Professora apoiativa logo em seguida disse: - Grupo 5, Roda inicial! Este foi o sinal para que as crianças se organizassem para a Roda. As crianças tiraram os calçados e sentaram sobre

		o tapete formando um círculo. A Roda começou com uma conversa da professora referência com as crianças dizendo que ela chegou na sala e eles não estavam. Duas crianças argumentaram dizendo que estavam na sala e que ela não as viu. (Neste dia as crianças tinham educação física e após esta aula todas se deslocam para a sala)
10/12/2009	Roda Inicial	Na sala de atividades a professora referência convidou as crianças verbalmente para organizarem a Roda. Todos sentaram sobre o tapete, sem almofadas e sem os calçados, formando um círculo. A Roda começou com a professora dando boa tarde.

A partir da análise do quadro acima, é possível verificar que a maioria das Rodas observadas iniciou a partir de uma convocatória expressa verbalmente pela professora referência e eventualmente reforçada pela professora apoiativa. Também fica evidente que quem coordena a Roda é a professora referência da turma e a professora apoiativa dá apoio, como o próprio nome refere. No entanto, observei que há dois momentos da Roda que são coordenados pelas crianças: a harmonização¹⁸ e a escolha dos coordenadores¹⁹ do dia.

Inicia a Roda de harmonização. Professora diz: - Vamos fazer a Roda de harmonização. Pergunta para as crianças quem deseja coordenar a Roda de harmonização.

Diário de Campo – 16/11/2009.

Esta é uma indicação clara de que as crianças também são capazes de coordenar a Roda e a professora sabe disso, tanto que as convoca para assumirem essa função sob sua coordenação maior. Coordenação maior não no sentido de subjugar a capacidade das crianças à sua, mas entendendo-as como parceiras do adulto nas situações que juntos compartilham, em última instância como alguém mais experiente, que sabe coisas de outra ordem e que presta atenção no que as crianças fazem, dizem, necessitam e desejam.

¹⁸

Harmonização nesta escola é um momento em que as crianças e a professora entoam canções ou mantras com o objetivo de entrar em sintonia com o grupo, se abrir para o novo, para esse encontro para o qual estão reunidos. No momento de harmonização a professora lembra as crianças para terem uma postura ereta, ficarem a vontade e realizarem respiração abdominal. Essas aprendizagens são realizadas desde que inicia o ano letivo, desde o grupo 1.

¹⁹

Coordenadores é uma dupla de crianças escolhidas por sorteio a partir de fichas com seus nomes. São as crianças que sorteiam. A função dos coordenadores é ajudar a professora referência a organizar a sala e o grupo de crianças.

Também observei que no dia 17/11, quem inicia a conversa na Roda são as crianças. Em todas as demais Rodas observadas, foi sempre a professora referência quem iniciou a Roda após todos estarem sentados, ou com uma saudação, ou com uma conversa com as crianças. O trecho a seguir, recorte da entrevista realizada com a professora, expressa o que ela pensa a respeito desse assunto:

Pesquisadora: - Como tu vêes a tua participação na Roda?

Professora: - Eu sou responsável pelo andamento da Roda. Nós somos os organizadores. Se eu deixar só por eles vai desorganizá-la. Eu sou a organizadora, a mediadora. Eu tô ensinando eles a relacionar-se, ouvir os outros e não só estudar. Por trás tem outras coisas que estão embutidas. A forma como a gente se coloca também é muito importante. Se eu quiser falar, falar para não ouvir? Tem que ouvir. Eu também tenho isso de querer falar e sinto a ansiedade deles em querer falar.

Pesquisadora: - Como tu vêes a participação das crianças na Roda?

Professora: - Sem eles não existe a Roda. Eu adoro a participação deles. (Referindo-se as crianças)

Pesquisadora: - Eles coordenam a Roda?

Professora: - Não. Eu nunca propus. Eles auxiliam. Fica pensativa e diz: - Nunca pensei nisso.

Diário de Campo – 23/11/2009.

Neste trecho, fica evidente o entendimento da professora como organizadora da Roda e também como a partir do modo que a professora organiza e coordena esse grupo, as crianças aprendem sobre Rodas e sobre organizar e coordenar grupos, além de outras aprendizagens. Tomando a teoria sócio-cultural do conhecimento de C.S. Peirce como referência para análise, posso dizer que a professora, além de ensinar as crianças a organizar intencionalmente o grupo para pôr a Roda em funcionamento, está ensinando as crianças, pelas diferentes leituras e geração de signos produzidos entre elas, inevitavelmente, o modo dela de se relacionar com a Roda, na Roda, com as demais crianças e com a conversa. Fica clara a responsabilidade que a professora assume ao estar na Roda com as crianças; conforme Richter (2010), *o que eu te apresento envolve o modo como eu te apresento*, ou seja, transmitimos, muitas vezes sem mesmo saber que estamos transmitindo, a relação que estabelecemos com a Roda, com a conversa e com o outro.

Mesmo que não tenhamos consciência disso, as crianças seguem produzindo signos, como sujeitos leitores que são sobre a Roda, sobre a conversa, sobre conversar, sobre a professora, sobre os colegas, sobre como se relacionar com a

professora e com as outras crianças na Roda, aprendendo, assim, algumas possibilidades de ser e estar em Roda; ensinando – assim – algumas possibilidades de ser e estar em Roda. Portanto, estar na Roda, seja para os adultos, seja para as crianças, significa e demanda, entre outras tantas coisas, (se) aprender e (se) ensinar a estar com os outros, aprendendo e ensinando nesse exercício de encontrar-se para conversar em Roda que, cada um e todos os participantes da Roda também têm desejos, vontades e necessidades que precisam ser administrados durante a conversa e que a conversa é uma linguagem que possibilita essa administração.

5.3 LOCAL, ORGANIZAÇÃO FÍSICA E ESPACIAL DA RODA

Em seguida à convocatória da professora referência, as crianças, em conjunto com as professoras, passam a ocupar o local onde a Roda acontece. Todas as Rodas iniciais observadas aconteceram dentro do espaço da sala de atividades sobre um tapete medindo aproximadamente quatro metros quadrados. Conforme descrição de Petry (2009, p. 133; 151; 152), relativas ao modo como a professora organiza a Roda com as crianças, a Roda era estruturada espacialmente com cadeiras. Ao longo de minha trajetória profissional, observei também Rodas sendo organizadas com almofadas, no chão, com tapetes de borracha individualizados, com tapete e até mesmo sobre uma cobra bem comprida feita de tecido. Existem muitas possibilidades de materiais para estruturar, física e espacialmente, a Roda. Nesta escola, o tapete acomoda todas as crianças e as professoras sobre ele. Às vezes, sobre este tapete, há almofadas. Há momentos em que elas estão num canto da sala e as crianças as levam para o tapete, por decisão própria. Observei uma situação em que estavam sem o tapete porque uma criança vomitou sobre o mesmo e foi necessário lavá-lo. Neste caso, a Roda foi realizada com as crianças sentando sobre almofadas e foi a professora quem indicou como deveriam proceder. Portanto, nesta escola, a regra é que a Roda seja realizada sobre o tapete, com ou sem as almofadas; somente em situações de exceção, como o vômito de uma criança sobre o tapete, exemplo citado anteriormente, é que a Roda se dá sem o mesmo, e mesmo sem ele, a Roda se organiza no mesmo lugar onde ele deveria estar. É o

tapete que marca o local do encontro da Roda dentro da sala. Ele é um dos signos que indica a Roda na relação com os demais signos que a estruturam e a colocam em funcionamento, como alguém que a convoca e coordena seus participantes e a pauta.

Essa é uma aprendizagem que se inicia ao iniciar o ano letivo que é quando a professora vai indicando em conjunto com as crianças (ou não, pois o local também pode já estar definido pela professora antes das crianças chegarem) o local no qual irão se encontrar para compor física e espacialmente e colocar a Roda em funcionamento. Os que chegam depois – estou me referindo mais precisamente às crianças que chegam de outras escolas ou que frequentam uma escola pela primeira vez – aprendem pela observação dos diferentes corpos, jeitos e modos de funcionar dos demais participantes. Sendo assim, cada grupo de crianças com sua professora vão constituir um jeito de organizar-se física e espacialmente na Roda, ser Roda, estar em Roda, funcionar na Roda.

Logo que as crianças chegam do pátio e entram na sala de atividades, elas tiram os calçados para sentarem sobre o tapete que está localizado no centro da sala. Os calçados das crianças e das professoras são colocados numa caixa disposta rente a parede. Noutra caixa, próximo a esta estão pantufas. No primeiro dia de observação, vi que algumas crianças as colocaram; nos demais percebo que ninguém as pega, talvez, por causa do calor. Todos que participam da Roda, sejam adultos, sejam crianças, tiram os calçados, segundo a professora, para ficar mais a vontade, mais confortável e para não sujar o tapete, pois com os calçados levariam terra e areia para o tapete.

Nas Rodas descritas por Petry (2009, p. 144-145), as crianças são convidadas a sentarem uma ao lado da outra, às vezes com lugar marcado – um menino e uma menina, intercalados, inclusive –, ora em círculo, ora formando um semicírculo, de frente para a parede na qual estão afixados painéis temáticos como calendário, ajudante do dia e quadro do tempo. A professora, em geral, ocupa uma das pontas desse semicírculo de modo a ajudar as crianças a marcarem ou preencherem esses painéis.

Essa organização física e espacial da Roda possibilita que se veja o jeito como o corpo das crianças vai sendo formatado para ocupar o espaço e seu lugar na Roda; conseqüentemente, o jeito como nós adultos vamos ensinando como as crianças devem se postar e se conduzir física e espacialmente ao frequentar a

escola. O professor pode tanto ensinar as crianças a ficar à vontade quanto ensiná-las a se conter e a conter o corpo. Com isto, não estou dizendo que as crianças e a professora podem ficar, corporalmente falando, de qualquer jeito na escola. O que destaco é que muitas vezes não se prioriza, não se dá tempo e nem se organiza momentos para que as crianças explorem os espaços da escola, principalmente o da sala de atividades, na relação com o seu corpo; conseqüentemente, aprendam a organizar seu corpo na relação com estes espaços, produzindo uma relação confortável e prazerosa nesse sentido.

Ao meu lado há um menino deitado na Roda, se balançando. Ele esbarra em outro que está ao seu lado. Este diz: - Não é para deitar. Quem estava deitado responde: - Não é tu que manda, é a professora. (este continua deitado se balançando enquanto os demais conversam sobre o tema de casa. As professoras sabem que há um menino deitado. Após alguns minutos ele é convidado pela professora apoiativa a sentar já que não está mais conseguindo ficar deitado se balançando sem bater nos demais que estão sentados)

Diário de Campo – 16/11/2009.

As crianças já sabem, porque aprenderam pela leitura de diferentes signos verbais e não verbais, entre eles, e, alguém em algum momento lhes disse o que pode e o que não pode; o que é aceito e o que não é aceito no encontro entre crianças e professora na Roda, e que, apesar da regra, também existe a possibilidade de exceções, como é o caso de ficar deitado para acomodar-se melhor, quando todos estão sentados. A regra é que todos sentem, mas se alguém fica mais à vontade deitado e isto não atrapalha os demais, é possível ficar deitado. E aqui estou falando de uma aprendizagem importante que envolve respeitar as diferenças, não só porque fisicamente somos diferentes, mas também porque temos necessidades diferentes. E isto está garantido nesta escola. As crianças podem ficar à vontade e ocupar o espaço corporalmente a partir de diferentes modos – ora deitado, ora sentado, ora escorado na professora, ora deitado ou sentado numa almofada – desde que esse jeito não atrapalhe o funcionamento do grupo como um todo. Portanto, estar na Roda também envolve ter contato físico com o corpo do outro através do toque, do olhar, do sentir, do se sentir acolhido e aprender a acolher a aproximação do outro.

Em geral, a professora referência é uma das últimas a se sentar na Roda, porque vai até o armário pegar material para a Roda (envelopes com fichas dos

nomes para sortear os coordenadores do dia e uma garrafa com água, por exemplo). Quem chega por último na Roda fica com o espaço que sobra; às vezes esta situação gera disputas e conflitos que as crianças precisam aprender a administrar.

Na composição inicial da Roda, uma menina disputa o lugar com outra. Deseja sentar ao lado de uma colega. Professora interfere dizendo que não há lugar marcado. A menina fica com cara de choro e manifesta desacordo. Argumenta com a professora dizendo que aquele lugar ela queria, para ficar ao lado de sua colega. Professora reforça dizendo que não há lugar marcado.

Diário de Campo 16/11/2009.

Neste sentido, nesta escola, cada criança pode escolher onde e como deseja sentar, desde que esteja presente no início da composição espacial da Roda; quem chega atrasado, vai se sentar sempre ao lado de duas outras crianças ou de adultos, desde que essas crianças ou adultos ao lado de quem deseja sentar não se oponham. A Roda, em sua composição espacial, não comporta lugar vazio; neste caso, a criança escolhe ao lado de quem vai sentar, ou pode ser escolhida pelo grupo que já está organizado a partir do momento em que estes podem abrir espaço para receber quem chega depois. Sendo que esta escolha é da criança que chega através da observação do coletivo de crianças e adultos organizados na Roda. É importante dizer que a professora não para a Roda para que a criança escolha o lugar onde vai sentar. A criança, logo que chega, guarda seus pertences e se junta ao grupo. Nesse juntar-se ao grupo podem, ou não, acontecer disputas e conflitos.

Uma menina entra atrasada. Esta guarda a mochila, tira seus tênis e vem para a Roda. Gustavo e o outro menino que estava ao seu lado, quando percebem que a menina chegou à sala, abrem espaço na Roda para recebê-la. Ela desconsidera esse espaço e senta em outro lugar, próximo a professora. A professora percebe e pergunta por que ela não vai sentar ao lado de Gustavo já que eles haviam aberto espaço para recebê-la. A menina responde que é porque ela conversa muito com ele e então, conforme combinação já feita vai sentar em outro lugar. (Esta combinação aconteceu num outro dia com a professora.)

Diário de Campo 16/11/2009.

Conforme a professora, não há lugar marcado e nem um único jeito de sentar na Roda. Todos devem encontrar um lugar na Roda e sentar-se, inclusive eu – pesquisadora – sou convidada a sentar na Roda desde o primeiro dia que chego

para observar. E esta é uma questão muito importante para esta escola. Se vai ter Roda, todos que estão presentes devem compartilhar deste encontro sentando juntos na circularidade proposta pela Roda, para todos se enxergarem, se olharem no rosto, proporcionando a comunicação entre todos em diferentes linguagens, respeitando inclusive, o direito de quem não desejar expressar-se verbalmente. Sabendo-se que muitos conflitos podem surgir a partir dessa configuração do grupo para tratar dos mais diferentes assuntos, referentes ao universo de cada um e ou também comuns a todos os participantes do grupo.

5.4 FALAR, OUVIR, LEMBRAR: A RODA E A MEMÓRIA DO QUE SE CONVERSA EM RODA

Outro aspecto a ser analisado, do ponto de vista da estrutura e das regras de funcionamento da Roda, é a memória que se produz e se armazena ao se colocar a Roda em funcionamento. A Roda como um espaço físico, uma situação, uma realização, um funcionamento de e entre humanos – no caso dessa pesquisa, crianças e adultos em ambiente escolar, mais precisamente, a escola infantil – que produzem conversa, diálogo e, conseqüentemente, memória; que provoca que os sujeitos que da Roda participam recordem a seu respeito e sobre os outros, a partir do que foi compartilhado nas conversas em Roda – fatos, situações, narrativas, combinações –, se retroalimentando e alimentando também os demais participantes e a própria Roda. Com isto, quero chamar a atenção para um dos sentidos mais importantes da Roda que é recordar, possibilitando que as crianças explorem e desenvolvam questões relativas ao sentido do tempo, como a noção de passado, bem como o que estão vivendo e discutindo no presente e também sobre o futuro, o que está por vir, o que pretendem realizar, articulando estes três tempos na relação com a vida de cada criança e do grupo como um todo. Todos estes elementos, justamente, levam cada criança e o grupo como um todo à vinculação com a história dos sujeitos e do grupo, possibilitando que recobrem e confrontem situações, como forma de reter e preservar ou rever e redimensionar situações vividas, bem como, de planejar situações ainda por viver.

Conforme o último exemplo, acima citado, a menina foi quem recordou uma combinação que havia sido feita com a professora a respeito do lugar que ela deveria se sentar na Roda. Ela alimentou a memória da professora no sentido de

fazê-la recordar o combinado feito entre elas. Este trecho também evidencia que, apesar de a regra ser a de que não há lugar marcado na Roda, é preciso se organizar para estar na Roda, colaborando para o seu funcionamento, ou seja, se alguém atrapalha os demais com o seu funcionamento, as professoras ou qualquer um dos participantes da Roda pode se manifestar e dizer que este alguém está desrespeitando as regras e retomar as combinações. Este alguém pode ser a professora, coordenadora da Roda, a professora apoiativa ou as crianças.

Portanto, fica claro que a professora referência, propositora, organizadora e coordenadora do encontro na Roda, procura administrá-la de modo que a Roda funcione articulando sua estrutura e regras de funcionamento com a estrutura e regras de funcionamento de cada um de seus participantes, procurando garantir que as crianças que desejam possam expressar o que pensam e o que sentem, que possam narrar-se em inúmeras situações, atitudes, fatos, acontecimentos, silêncios, oposições e linguagens. Para que isso aconteça, ela dá a palavra a todos que desejam falar, ou porque levantam a mão para se inscrever ou porque solicitam verbalmente a palavra, e convoca as crianças para ouvirem junto com ela o que está sendo dito por aquele ou aquela que estiver com a palavra. Observei que esta é uma questão que a professora retoma várias vezes com o grupo enquanto conversam na Roda, de modo que as crianças aprendam a prestar atenção e a ouvir as narrativas de cada participante do grupo. Diante disso, fica claro para mim que ouvir não é um funcionamento atávico dos seres humanos e sim algo que é ou não aprendido a partir de situações em que a escuta é indicada, organizada, valorizada, priorizada e, portanto, aprendida.

As crianças conversam umas com as outras enquanto alguns apresentam seus temas. Professora convoca o grupo a ouvir os colegas.

Diário de Campo 16/11/2009.

Professora: -“O Olavo vai contar a novidade dele.

Criança: - É que eu e o Marcelo (as outras crianças querem falar junto ou por ele e a professora interfere dizendo que ele é que pediu para falar). A criança conta sobre uma brincadeira que fizeram no pátio.

Diário de Campo – 23/11/2009.

Crianças: várias pedem para falar chamando: - Prof! Prof!

Professora: - A Miriam é depois do Antônio.

Consuelo: - Depois da Miriam era eu.

Miriam: - Olha eu queria a sugestão música. (Neste momento a pauta da Roda é escolher um assunto para o projeto de estudo)

Professora: - Música. O que tu gostaria de trabalhar, estudar sobre música?
Antônio: - Eu acho que eu já sei. (tentando adivinhar o que a colega vai dizer)
Olavo: - Não, tu não sabe.
Professora: - Gente vamos ouvir!

Diário de Campo 23/11/2009.

Várias crianças falam ao mesmo tempo.
Professora: - Todo mundo vai poder falar, mas vocês tem que esperar e ouvir também.
Várias crianças continuam falando ao mesmo tempo.
Professora: - Fernando! Vamos ouvir a ideia do Fernando.
Miriam: - Não, depois de mim era a Consuelo.
Consuelo fala: - Eu acho que alimentos é mais legal.
Professora: - Eu vou anotar aqui, tá?
Crianças falam ao mesmo tempo.
Professora pede que Fernando fale.

Diário de Campo 23/11/2009.

Nesta escola, faz parte da estrutura e das regras de funcionamento da Roda falar e ouvir o que os outros estão dizendo, prestar atenção no que está sendo dito e falar um de cada vez. Isto se aprende e são objetivos desta professora com este grupo de crianças para que elas possam aprender a Roda a partir de sua estrutura e regras de funcionamento. Não faz parte das regras que põem a Roda em funcionamento antecipar o que o outro vai dizer, pois cada um tem a sua vez para falar e isso também se aprende, pela inscrição verbal ou gestual, como já foi mencionado. E as crianças sabem disso e fazem uso dessa regra de forma autônoma, conforme vão aprendendo, ainda que, por vezes, se atrapalhem e atravessem a fala de quem está com a palavra, quando então as regras são retomadas, lembrando – lembrando, recobrando a memória – sobre o que já foi combinado. Iniciada a Roda, quem manifesta o desejo de falar são as crianças. Não é a professora que os convoca para falar. Não precisam ser convocados. Desejam falar e falam porque têm o que dizer, gostam de narrar-se, porque sentem-se estimulados por seus interlocutores e sentem-se respeitados na condição de narradores; porque sabem que tem quem presta atenção nas suas narrativas e estimula e valoriza o seu jeito de conversar. Ou seja, as crianças têm o que dizer, o que levar para a Roda e sabem que isso vale para todos os participantes da Roda –, de modo que, geralmente, pela articulação feita na Roda pela professora referência, um assunto pode encadear muitos outros e provocar muitas conversas, deixando

clara a competência e o protagonismo desses sujeitos diante do desafio de aprender-se, aprendendo a Roda e aprendendo a conversar.

Nas Rodas que tenho presenciado ao longo de minha trajetória profissional, ao invés da inscrição para falar, o que se observa é a convocação, pela professora, para que cada criança fale, conforme a ordem em que estão sentadas na Roda, geralmente, em sentido horário. Nesse funcionamento da Roda, as crianças são convocadas a falar – e não a conversar – e falam para atender a uma demanda indicada pela professora, tendo como regra contemplar a todos, com o tempo mais ou menos igual para cada uma das crianças dizer alguma coisa, respeitando, na maioria das vezes, o direito de quem não quer falar nada.

Nas Rodas que foram objeto deste estudo, é interessante observar que as próprias crianças, e às vezes muito mais que a professora, acompanham atentamente a sequência das falas e a inscrição para falar, ajudando a professora a organizar a vez de cada um. Em todas as Rodas que observei durante o período que estive em campo, chama a atenção o modo como as crianças expressam o que pensam e se posicionam, argumentando não só com a professora, mas entre elas, crianças, também. Faço questão de chamar atenção para isso porque nas Rodas realizadas na maioria das escolas que conheço, as crianças falam dirigindo-se quase que exclusivamente à professora que, em geral, escuta-as em silêncio, até a hora em que elas terminam de falar. Muitas vezes, se o tempo de fala de uma criança se alonga, a professora interrompe-a, diz que já está bom, agradece e passa a palavra para a criança seguinte, ao lado da que acabou de falar, que, por sua vez, não havia sequer pedido a palavra.

Quero chamar a atenção mais uma vez para o fato de que estas crianças do Grupo 5 aprenderam que seu direito à fala está garantido, do mesmo jeito que aprenderam que todas têm o direito de serem ouvidas, portanto, quando falam tem quem as escute, as estimule, presta atenção nelas, tem quem valoriza e organiza o que estão falando e, a partir desse funcionamento, vão aprendendo a conversar. Esta é uma regra importante das Rodas do Grupo 5: ouvir o que os outros estão dizendo, mas não porque a professora mandou todos ficarem em silêncio, e sim porque aquilo que está sendo dito é importante, seja para o falante, seja para o ouvinte, porque faz parte do jeito como aquele sujeito que está com a palavra pensa e sente; porque falar pode ajudá-lo a se ouvir e a se pensar de outro modo; porque, ao ouvir os demais, pode, quem sabe, pensar de outro modo o que acabou de dizer;

porque, ainda, quem sabe, o que foi dito pode desencadear uma discussão por não haver concordância com o que foi dito; porque o que foi dito pode provocar aprendizagens sobre coisas que aqueles que estão ouvindo ainda nunca não haviam pensado, portanto, é preciso aprender a prestar atenção e a ouvir para aprender a conversar e essas são duas das regras mais importantes que colocam a Roda e os participantes da Roda em funcionamento. Por conta disso, as crianças do Grupo 5 aprendem a estabelecer um diálogo a partir de uma sequência de temas organizados na pauta e por uma seqüência de regras e funcionamentos que colocam a Roda para funcionar, sendo a professora referência a interlocutora principal que vai organizando estas falas, articulando, selecionando, lembrando, problematizando e provocando a conversa de modo que as crianças consigam se engajar no assunto tratado a cada vez e expressar o que sabem, o que não sabem, o que pensam, ou até mesmo fiquem em silêncio, mas provocadas pelo que está sendo dito. Sim, porque mesmo aquelas que não desejam entrar verbalmente na conversa têm o direito de participar dela, prestando atenção apenas e não falar; e isto é garantido pela professora, fazendo parte da estrutura e das regras de funcionamento da Roda. Nesta escola, o silêncio também é uma forma de conversa, de entrar, de estar na conversa. Talvez uma criança esteja em silêncio porque está pensando sobre o que está ouvindo. E pode continuar em silêncio mesmo depois que já tenha uma posição sobre o que estava pensando em silêncio. Não conversar verbalmente na Roda não significa que não esteja conversando na Roda; a atenção de quem está em silêncio, lida em signos não verbais diversos pode indicar que as crianças que estão em silêncio estão acompanhando intensamente as conversas em andamento; no entanto, preferem não se pronunciar verbalmente e este é também um funcionamento possível dos participantes da Roda e que, tanto quanto os demais funcionamentos dos falantes, merece os esforços de atenção e significação pela professora, de preferência, articulados a outros funcionamentos e produções dessas crianças silenciosas, no decorrer da vida do grupo, como por exemplo, no jogo simbólico, nos momentos de higiene e alimentação, no desenho e na pintura, diante da leitura de histórias infantis, entre tantos outros que compõem a rotina de um grupo na escola infantil.



5.5 A PAUTA E/OU SOBRE O QUE SE CONVERSA NA RODA

Todos os dias, na Roda inicial, têm harmonização, escolha dos coordenadores do dia e conversa sobre assuntos variados. A pauta da Roda é organizada e colocada em ação pela professora referência. Pode-se dizer que os pontos da pauta são os mesmos – harmonização, escolha dos coordenadores do dia e conversa sobre assuntos variados -, o que muda é a sequência da pauta e os assuntos das conversas. Ela não está escrita em nenhum lugar da sala, mas é aprendida pela insistência e pela repetição em que é posta em funcionamento, seja no que permanece porque está presente todos os dias – como é o caso dos três itens citados – seja pela variação dos temas das conversas a cada dia, muitos dos quais são sugeridos pelas crianças, indicados espontaneamente ou a partir de consulta feita pela professora junto a elas, seja no dia anterior, seja durante a Roda do dia.

A sequência da pauta, por conta da dinâmica do encontro e também porque não é rígida, procura contemplar as demandas de naturezas diversas do grupo a cada momento, ou seja: há Rodas que começam com a escolha dos coordenadores, harmonização e conversa; há Rodas que começam com harmonização, escolha dos coordenadores e conversa; há Rodas que começam com conversa, harmonização, escolha dos coordenadores e conversa novamente. Estes três pontos de pauta sempre acontecem, sendo que a professora procura terminar a Roda sempre com conversa sobre temas variados.

No momento da conversa é que a professora apresenta, consulta, compartilha e articula com as crianças tudo aquilo que é considerado importante, relevante e significativo nesta e para esta escola, neste, deste e para este grupo, quer sejam notícias do mundo ou informes da escola quer seja a escolha dos projetos de trabalho que irão estudar, quer sejam desejos, alegrias, tristezas, novidades, combinações, dúvidas, pesquisas, dentre outros, que, como mencionado anteriormente, podem ser trazidos tanto pela professora quanto pelas crianças.

A seguir, apresento um quadro-síntese com a pauta de todas as Rodas iniciais observadas e a duração de cada uma.

16/11 Roda inicial	17/11 Roda inicial	23/11 Roda inicial	25/11 Roda inicial	02/12 Roda inicial	10/12 Roda inicial
50 minutos	10 minutos	48 minutos	30 minutos	30 minutos	30 minutos
Harmonização	Harmonização	Conversa	Conversa	Conversa	Conversa
Sorteio coordenadores	Profª conversa sobre a rotina da tarde	Harmonização	Sorteio dos coordenadores	Sorteio dos coordenadores	Sorteio dos coordenadores
Socialização tema de casa	Conversa	Sorteio dos coordenadores	Harmonização	Harmonização	Harmonização
Conversa	Sorteio dos coordenadores	Conversa para escolher o assunto do projeto de trabalho	Conversa com retomada do mapa mental e escolha das atividades que irão realizar no projeto	Conversa para escolher a atividade de culinária	Conversa com pesquisadora
Apresentação da pesquisadora	Contaçãõ de história				
Profª conversa sobre a rotina da tarde	Conversa				

Como se pode ver, nas Rodas desta escola surgem diferentes assuntos. Nas Rodas descritas por Petry (2009), em contrapartida, o uso da Roda fica restrito à realização da chamada, ao preenchimento do quadro do tempo e a escolha do ajudante do dia. Tais situações não envolvem conversa, apenas, a meu ver, a realização de forma protocolar de um ritual em que a professora dá as instruções, faz perguntas, esperando respostas que, de antemão, têm apenas uma versão correta.

Diante disso, sempre me pergunto: a restrição e conseqüente pobreza destas pautas seriam em decorrência da falta de imaginação das professoras ou teria a ver com a concepção, equivocada, de que as crianças não têm assunto, ou têm um repertório restrito de assuntos, ou um repertório que não interessa e não é valorizado pelas professoras, ou ainda que as crianças não soubessem conversar sobre assuntos considerados relevantes e complexos pelas professoras ou pela escola e, portanto, “O que fizeram no fim de semana?” e “Conte uma novidade pra gente” seria todo o repertório de assuntos variados a serem contemplados nas conversas em Roda. Na escola em que gerei os dados para esta pesquisa, ao contrário, eles conversam sobre muitas coisas; um assunto encadeia outro, a conversa flui por deliciosos, intensos, turbulentos, complexos, engraçados,

curiosíssimos, desconcertantes, surpreendentes dez, trinta, quarenta e oito, cinquenta minutos.

Professora diz: - Bom, já conversamos sobre pulgas, gatos, cachorros, acantonamento, agora vamos falar sobre comidas. Precisamos decidir qual culinária vamos fazer porque hoje é quarta-feira e na sexta-feira vamos preparar um alimento. Qual alimento vamos preparar dos que estão na lista ou vamos escolher outro?

Diário de Campo - 02/12/2009.

Há momentos em que é a professora quem inicia a conversa e há momentos em que são as crianças quem iniciam a conversa:

*Quando a professora senta na Roda, logo diz: -Bom, boa tarde grupo 5!
As crianças respondem boa tarde.
Professora: - Eu tenho duas notícias para vocês.
Crianças: - Tristes ou ruins?
Professora: - Triste ou ruim? Bah, não pode ser boa? Não! Não são notícias ruins.
Crianças: - Boas e más notícias?
Professora: - Não. São notícias. Primeira delas: a professora Mari da hora do conto não vai vir hoje.
Criança: - Porque o pai dela tá doente.
Professora: - O pai dela tá no hospital e vai ter que fazer, parece, que uma cirurgia de emergência. Alguma coisa assim. Hoje nós não vamos ter hora do conto com a Mari, mas nós podemos ir e eu conto história para vocês na biblioteca. Me entreguem os livros²⁰, depois quando a Mari vier eu passo prá ela.
Crianças entregam os livros. Algumas falam que já entregaram, outra diz que esqueceu.
Professora: - E a segunda notícia é sobre o Gustavo. Vocês acreditam que o Gustavo ainda não melhorou!
Criança: - Uh! Por isso que ele vomitou! (No dia anterior, Gustavo havia vomitado no tapete em que as crianças sentam para a Roda)*

Diário de Campo – 23/11/2009

A seguir, a partir do que observei na pesquisa de campo, destacarei os principais assuntos que foram conversados na Roda.

²⁰ Livros que as crianças retiram da biblioteca semanalmente e levam para casa.

► As conversas sobre a escolha do projeto de estudo

A Roda para escolher o projeto de estudo envolve muita conversa e participação das crianças ressaltando seu protagonismo e suas condições de interlocução com o adulto. Durante a Roda para escolher o projeto de estudo, fui testemunha das possibilidades e da capacidade das crianças de dialogarem com organização, objetividade, com respeito e argumentação junto a diferentes pontos de vista em articulação; administrar conflitos, emoções; vivenciar bravamente o sentido da regra, da memória e das tomadas de decisão em conjunto, entre tantas outras coisas significativas a educação de uma criança, revelando, intensamente, veementemente, a produção em processo do protagonismo e das culturas infantis. Portanto, por conta de tudo isso, escolho esta Roda na íntegra, com a intenção de partilhar o conjunto de diálogos²¹ produzidos neste encontro para escolha do projeto de trabalho que iriam estudar. Esta foi a terceira Roda que observei e que me marcou profundamente por conta de tudo o que ela acionou e pôs em funcionamento nas crianças, na professora e em mim.

Observação da Roda Inicial

Dia 23/11/09 – segunda-feira²²

Horário de início: 14h

Horário de término: 14h48

Tempo de duração: 48 minutos

Local: na sala de aula, sem o tapete (uma criança havia vomitado sobre o tapete, o que fez com que ele fosse retirado da sala para ser lavado). Professora propõe que

²¹ Os diálogos são a transcrição da linguagem oral, por conta disso apresentam fala coloquial tanto dos adultos quanto das crianças.

²² Volto na Escola na segunda-feira da semana seguinte, após ter passado dois dias observando o turno todo de trabalho. Esta combinação foi feita com a professora porque na semana em que iniciiei as observações havia outra pessoa que faria observações na quarta-feira e na quinta-feira. Sendo assim, a professora me pediu para voltar na semana seguinte, com o objetivo de evitar muitas pessoas estranhas entrando no grupo para observar, o que, sob seu ponto de vista provoca alterações na rotina do grupo, e que eu concordo plenamente. A partir das observações de turno todo, a combinação era observar algumas Rodas iniciais e algumas Rodas finais. Este registro é da Roda inicial do dia 23/11/2009, na qual aconteceu a escolha do projeto de estudo. Conforme a professora referência, a Roda para escolha do projeto de estudo pode levar vários dias, dependendo de como o grupo de crianças em conjunto com a professora organiza as ideias que surgem e chega ao consenso. No caso desta Roda descrita, a escolha do projeto iniciou e terminou nesta Roda porque o grupo chegou a um consenso ao final da mesma.

as crianças peguem almofadas para sentarem e organizarem a Roda. Crianças e professora sentam sobre as almofadas formando um círculo. Todos estavam sem os calçados.

Número de crianças presentes: 11

- Professora convoca a Roda pedindo que as crianças peguem as almofadas para sentarem no chão e organizarem a Roda. As crianças começam a se organizar.
- Alguns vão sentando e outros brincam com as almofadas. Enquanto isso, a professora vai organizando o ambiente da sala. Algumas crianças conversam com ela²³.
- Todas as crianças estão prontas, sentadas na Roda. Eu sento com elas. A professora ainda não está pronta²⁴. Logo, ela se junta ao grupo. Enquanto ela não vem, as crianças conversam entre si.
- Uma criança tem um livro na mão. É o dicionário Aurelino. Outra criança tem duas pedras na mão.
- A professora, quando vem para a Roda, traz dois envelopes que contém as fichas com os nomes das crianças. Este material é para sortear os coordenadores.
- Quando a professora senta na Roda, logo diz: - Bom, boa tarde grupo 5!
- As crianças respondem: - Boa tarde!
- Professora: - Eu tenho duas notícias para vocês.
- Crianças: - Tristes ou ruins?
- Professora: - Triste ou ruim? Bah, não pode ser boa? Não! Não são notícias ruins.
- Crianças: - Boas e más notícias?
- Professora: - Não. São notícias. Primeira delas: a professora Mari da hora do conto não vai vir hoje.
- Criança: - Porque o pai dela tá doente.
- Professora: - O pai dela tá no hospital e vai ter que fazer, parece, que uma cirurgia de emergência. Alguma coisa assim. Hoje nós não vamos ter hora do conto com a Mari, mas nós podemos ir e eu conto história para vocês na biblioteca. Me entreguem os livros, depois quando a Mari vier eu passo prá ela.
- Crianças entregam os livros. Algumas falam que já entregaram, outra diz que esqueceu.

²³ Neste dia, o aluno com necessidades especiais não está presente. Como ele não está a professora apoiativa está acompanhando outros grupos.

²⁴ Professora estava guardando materiais no armário.

- Professora: - E a segunda notícia é sobre o Gustavo. Vocês acreditam que o Gustavo ainda não melhorou!
- Criança: - Uh! Por isso que ele vomitou! (No dia anterior, Gustavo havia vomitado no tapete em que as crianças sentam para a Roda)
- Professora: - Hoje eu falei com o pai dele de manhã cedo e no final da manhã eu falei com a mãe dele. Diz que o Gustavo não melhorou, que ele tá sem febre, que a febre sim ele melhorou, mas ele ainda não está bem. Então ele hoje não vem a aula e diz que se ele melhorar, amanhã ele vem. Então eu acho, que a gente, podia fazer a harmonização hoje, mentalizando o Gustavo, mandando pra ele uma energia de cura, uma energia de saúde.
- Criança: - Eu tive uma ideia! Na roda final a gente pode ascender a luz verde²⁵.
- Professora: - Podemos e na Roda inicial a gente pode mentalizar o verde. O que vocês acham?
- Crianças: - Sim.
- Professora: - Olha, eu combinei com a Daniela (professora apoiativa que acompanha o aluno com dificuldades), depois ela vai vir e pegar o telefone e nós vamos ligar pro Gustavo e aí quem quiser falar com ele, se ele puder falar no telefone, pode falar com ele.
- Criança: - Eu! (Essa criança verbalizou pedindo a palavra)
- Outra criança: - Posso falar uma coisa? (Essa criança pediu para falar levantando a mão)
- Professora: - Pode.
- Criança: - Eu e as gurias, a gente sabe de uma notícia, que a gente só pode contar outro dia para vocês. E o Alan também sabe.
- Professora: - Não é uma notícia, então é fofoca.
- Criança: - Não, é uma notícia.
- Outra criança: - Uma notícia muito boa que já passou. E ontem eu dormi na minha tia.
- Professora: - Então vamos energizar. Energizando as mãos. Agora, é só botar a mão uma em cima da outra. Isso! (crianças esfregam as mãos umas nas outras) Então agora, vamos dar as mãos numa Roda, fechar os olhos e vamos imaginar.
- Crianças: - O que?
- Professora: - Primeiro vamos imaginar o nosso colega Gustavo. Quando a gente pensar nele, vamos pensar no Gustavo com saúde, com alegria, brincando. E agora

²⁵ Esta criança fazia referência a uma combinação do grupo, que está relacionada com a filosofia da escola e com a Roda de harmonização, que é de desejar coisas boas para todos, mentalizando através da imaginação de luzes, com cores, coisas boas. Cada cor tem um significado.

a gente vai imaginar uma luz verde brotando do nosso coração. A luz verde que traz paz, saúde. Essa luz vai ficando cada vez mais forte e ela vai saindo do nosso coração e vai chegando até o Gustavo. Todo mundo mentaliza a luz verde saindo do seu coração e chegando no Gustavo. O Gustavo vai sendo envolvido por esta energia. Essa luz vai refazendo as forças dele. Agora nós vamos enviar uma luz branca para todo o nosso planeta. Que essa paz nos acompanhe sempre. Hei!

- Crianças: - Hou!²⁶
- Professora: - Eu vou sortear os coordenadores e o Olavo vai contar um pouquinho a sua novidade. Quem foram os últimos coordenadores?
- Crianças discutem quem foram os últimos. Uma diz: - Tá no envelope. Quando definem quem são as duas crianças estas pegam o envelope com as fichas para sortear os coordenadores do dia. Os demais aguardam e depois perguntam com quais letras começam o nome dos colegas sorteados. Eles pensam e tentam identificar. Logo identificam.
- Professora: - O Olavo vai contar a novidade dele.
- Criança: - É que eu e o Marcelo. (as outras crianças querem falar junto ou por ele e a professora interfere dizendo que ele é que pediu para falar). A criança conta sobre uma brincadeira que fizeram no pátio.
- Professora: - Bom, eu dei um tema de casa sexta-feira. Vocês fizeram o tema?
- Criança: - Eu não trouxe.
- Professora: - Gente, eu não dei o tema de casa! Nós fizemos a colheita²⁷ sexta-feira. O tema ficou no armário. Não tem problema.
- Criança: - É tema de aula, é tema de aula!
- Professora: - Eu tenho um outro tema de aula que vocês vão gostar bastante também. O tema é vocês registrarem sobre o feirão²⁸ e outra coisa do tema é que vocês trouxessem uma sugestão de projeto. Nós ficamos três semanas no projeto feirão que era para ser duas. Então agora, tá na hora da gente escolher outro projeto²⁹.

²⁶ Esta é uma saudação usada pelo grupo após momentos de harmonização. Nem sempre usam, mas quando a professora a usa as crianças sabem o que responder.

²⁷ Colheita de alimentos plantados na horta da escola ao longo do ano.

²⁸ Feirão é uma atividade organizada pela escola que envolve a exposição e comercialização de alimentos colhidos na horta da escola e preparados pelas crianças.

²⁹ A proposta da Escola é trabalhar com projetos. A escolha dos mesmos é feita pelo grupo de crianças com a professora numa conversa sobre o que já estudaram e o que desejam estudar. Esta conversa pode durar vários encontros até que juntos, por consenso cheguem a uma decisão. Cada projeto não tem um tempo de duração definido de forma rígida. Isto vai depender do tipo de atividades que serão desenvolvidas e no engajamento do grupo como um todo no assunto e nas atividades pensadas e realizadas.

- Renato: - É projeto sobre “gogumelo”.
- Professora: - Oh, o Renato sugeriu um dos assuntos: cogumelo.
- Antônio: - Eu vou escolher aqui no meu dicionário. Quem quer escolher junto comigo? Índio. Eu vou escolher Índio. Outra criança diz: - Alimentos.
- Professora: - Gente, lembrem que o projeto do grupo 5 tem que ser algo em que o grupo topa por...
- Alan: - Adesão.
- Professora: - E o que mais?
- Raquel: - Bem, eu acho que a gente tem que estudar o projeto alimentos. Tem muitos tipos de alimentos diferentes no mundo.
- Outra criança: - Eu não gostei.
- Professora: - Tu sugere a gente trabalhar os diferentes alimentos do mundo, o que o brasileiro come, o que o japonês come?
- Consuelo: - Eu já sei que algumas pessoas comiam grilo.
- Professora: - Comiam grilo? Será que isso é verdade?
- Antônio: - Prof, eu posso te falar uma coisa?
- Professora, falando baixinho: - Eu sei de pessoas que comem escorpião, gafanhoto.
- Raquel: - Lesma frita, lesma frita!
- Professora: - Lesma frita? É verdade ou é de brincadeira?
- Raquel: - É de brincadeirinha!
- Professora e algumas crianças: - Ahhhh!!!!!!
- Professora: - O Antônio, ele tinha pedido antes, vamos ouvir a sugestão dele e depois tu. (uma outra criança pediu para falar enquanto a professora dava a palavra a ele. Algumas crianças levantam a mão pedindo para falar, outras expressam verbalmente seu desejo de falar e outras ainda, utilizam a mão levantada e verbalizam ao mesmo tempo que desejam falar. A professora fica atenta a todos esses jeitos e vai organizando as falas com a ajuda das crianças)
- Antônio: - Eu tenho o filme do Ben 10, que nele tem um episódio chamado “Então eram dez” e o avô do Ben, sabe o que ele dá? Minhocas marinadas.
- Professora: - Minhocas marinadas! (Crianças também falam junto exclamando surpresa.)
- Professora: - Gente teve um ano que o projeto grande da turma do 1º e do 2º ano era sobre o fundo do mar. Nós fomos ao porto, nós entrevistamos pescadores. Daí nós compramos peixe para comer a noite. Como tem amigos que não comem peixe ele (referindo-se a outra pessoa que estava junto) comprou ovas.
- Marcelo: - O que são ovas?

- Antônio: - Que não dá para comer, porque é ovos.
- Alan: - É, e daí não dá para comer. Já tava morto.
- Professora: - E aí sabe o que ele fez? Preparou, fritou e serviu para todo mundo comer. Eu não comi! Eu não vou mentir para vocês. Todo mundo comeu e diz que é delicioso!
- Consuelo: - E eu também, eu também tô com nojo até de ouvir.
- Professora: - Os que provaram adoraram.
- Raquel: - Ei, é por isso que eu quero estudar alimentos.
- Professora: - Raquel, eu achei uma boa sugestão alimentos, nesta ótica, né? Alimentos diferentes, do mundo, então eu achei muito interessante.
- Crianças: várias pedem para falar chamando: - Prof! Prof!
- Professora: - A Miriam é depois do Antônio.
- Consuelo: - Depois da Miriam era eu.
- Miriam: - Olha eu queria a sugestão música.
- Professora: - Música. O que tu gostaria de trabalhar, estudar sobre música?
- Antônio: - Eu acho que eu já sei. (tentando adivinhar o que a colega vai dizer)
- Olavo: - Não, tu não sabe.
- Professora: - Gente vamos ouvir!
- Miriam: - Porque tem um monte de instrumentos no mundo que tem pessoas que não tocam e também porque eu faço aula de música e também eu amo música. Eu acho bem legal! Ah: dó , ré, mi, fá, sol, lá, si.
- Professora: - E o que é dó, ré, mi, fá, sol, lá, si?
- Miriam: - É as notas musicais.
- Professora: - Notas musicais. Então nesse projeto, o que tu tá sugerindo, é que a gente trabalhasse instrumentos, músicas e o que mais, para eu entender?
- Miriam: - E também notas musicais.
- Professora: - Instrumentos e notas musicais.
- Pedro: - Eu quero falar uma coisa. (várias crianças começam a pedir para falar ou levantando a mão e/ou expressando verbalmente)
- Professora: - Eu tô anotando as ideias. (Professora trouxe um caderno para a Roda e vai registrando o que as crianças estão sugerindo como assunto para o projeto)
- As crianças continuam pedindo para falar e a ordem para falar é a de quem se inscreve levantando a mão. A professora coordena a inscrição e as crianças acompanham de quem é a vez para falar e retomam quando algum colega fala na vez do outro.

- Pedro: - Eu queria trabalhar igual o meu pai, de arrumar os carros. Ele arruma os carros quebrados.
- Professora: - O teu pai conserta carros? O teu pai é mecânico então!
- Pedro: - É, eu queria trabalhar igual ele.
- Professora: - E tu só tá falando que tu quer trabalhar ou tu quer dar alguma sugestão de assunto para o nosso projeto?
- Pedro: - Eu quero trabalhar lá com ele quando eu crescer.
- Professora: - Muito bem! E qual é a tua sugestão de projeto de estudo?
- Pedro: - Trabalhar igual ao meu pai: direito, sem briga, sem falar coisa mal, sem ficar brabo.
- Professora: - O teu pai, a profissão dele é mecânico. Legal, né?
- Várias crianças falam ao mesmo tempo.
- Professora: - Todo mundo vai poder falar, mas vocês tem que esperar e ouvir também.
- Várias crianças continuam falando ao mesmo tempo.
- Professora: - Fernando! Vamos ouvir a ideia do Fernando.
- Miriam: - Não, depois de mim era a Consuelo.
- Consuelo fala: - Eu acho que alimentos é mais legal.
- Professora: - Eu vou anotar aqui, tá?
- Crianças falam ao mesmo tempo.
- Professora pede que Fernando fale.
- Fernando: - O projeto baleias.
- Professora: - Por quê?
- Fernando: - Ah, uh, eu não pensei ainda. Ah, é por causa que a gente um dia fez uma série de atividades.
- Antônio: - Eu acho que esse projeto baleias, eu tive uma ideia de sugestão, as baleias estão em extinção. Daí a gente pode fazer um cartaz dizendo: Proibido caçar as baleias!
- Professora: - Todas as baleias estão em extinção?
- Várias crianças respondem que sim.
- Professora: - Eu não sei, eu tô perguntando, porque são todos os tipos de baleias ou algum tipo de baleia?
- Alan: - Alguns tipos de baleia.
- Marcelo: - Todas as baleias estão em extinção.
- Professora: - É que é assim ó, tem espécies de baleias. Não é que baleia é tudo igual. Tem a orca, tem a jubarte, tem a baleia branca.

- Crianças: - Tem a baleia azul, ... (várias crianças estão falando junto.)
- Professora: - Gente, só um pouquinho, todo mundo tá falando junto. Todo mundo pode falar, mas vocês têm que conseguir falar e ouvir os outros.
- Raquel: - Eu tenho uma ideia.
- Professora: - Tá então tu vai depois do Renato
- Renato: - Ah, sabe por que eu quero sugerir projeto “gogumelo”?
- Professora: - Uh?
- Renato: - Porque um dia eu vi um monte de “gogumelo”. Eu vi “gogumelo” cozido e (foi interrompido pelo Alan)
- Alan: - “Gogumelo”? Cogumelo!
- Renato: - Outra coisa: sabia que eu já vi “gogumelo”.
- Alan: - Cogumelo! (esta criança está corrigindo a fala de Renato que pronuncia “g” ao invés de “c”)
- Renato: - Cogumelo comestível. (Fala corretamente, após a segunda correção de Alan)
- Professora: - E tu sabia que dá para juntar a tua sugestão com a da Raquel?
- Acaba a fita e não percebo. Perco a gravação onde uma criança sugere flores e justifica dizendo que é porque tem cheiro bom e várias cores.
- Professora anota a sugestão e diz que, ao falar de flores, lembra das abelhas. Então ela fala que as abelhas estão em extinção e cita alguns motivos:

* Volta à transcrição da gravação:

- Professora: - Por causa dos agrotóxicos que botam nas plantas, nas lavouras. Outro é de que elas estão com um vírus, outro é por causa da monocultura.
- Crianças: - O que é monocultura?
- Professora: - Monocultura é a cultura de uma coisa só.
- Antônio: - Eu posso falar uma coisinha?
- Professora: - Eu posso terminar o meu relato? Porque eu tô me desconcentrando assim!
- Professora: - Monocultura é uma plantação só de tomate. Quando a abelha chega ali elas só vão se alimentar do pólen da flor do?
- Crianças: - Tomate.
- Professora: - E aí, vai faltar prá elas, nutrientes de outras flores. É como se tu tivesse um cachorro e tu alimentasse ele só com pão.
- Olavo: - Pão?

- Professora: - Ele ia ficar fraco de outros nutrientes, de outras vitaminas. Lembra quando a gente estudou os ossos?
- Crianças: - Urum!
- Professora: - Que nós vimos que o Fernando não comia carne, que o frango é rico em vitamina D e aí os vegetarianos comem o que? E nós fomos pesquisar e descobrimos que existem outras formas de ter vitamina D? Lembram disso?
- Crianças: - É.
- Professora: - As abelhas que vivem nesse lugar de monocultura acabam ficando fracas e aí se acontecer um desastre de sumirem as abelhas do planeta?
- Crianças: - Não vai ter mais mel!
- Professora: - Muito pior do que isso! Não vai ter mais mel, com certeza. E que outra coisa pior? Elas só fazem mel?
- Crianças: - Não.
- Raquel: - Elas pegam o pólen das flores também. Elas transferem. Elas pegam de uma e espalham para outra.
- Professora: - E aí aquelas que juntam nascem outra flor, e outra flor e outra flor e as flores não acabam. E se acabam as abelhas, quem vai polinizar as flores?
- Luciana: - Ninguém!
- Marcelo: - Não vai ter mais flor.
- Professora: - Vocês sabiam que, na China, num lugar da China, já terminaram as abelhas daquele lugar, onde eles têm a plantação de pêra. E aí para que eles continuem podendo produzir as pessoas estão fazendo o trabalho das abelhas. Acontece que as pessoas não são abelhas. Não estão preparadas para isso. Então elas levam, muito, muito, muito, muito mais tempo que as abelhas que fazem um trabalho assim oh (estala os dedos indicando que é bem rapidinho). Então agora que tu falou em flores, eu me lembrei disso, das abelhas, da polinização.
- Miriam: - Eu quero falar uma coisa. Sabia que as abelhas estão na planta da minha amiga?
- Professora: - É por isso que não é recomendável matar as abelhas, né?
- Várias crianças falam ao mesmo tempo.
- Professora organiza a sequência das falas.
- Miriam: - As abelhas também podem estar acabando porque elas picam e aí elas morrem.
- Professora: - É verdade! Olhem o que a Miriam lembrou: da outra forma de as abelhas ficarem morrendo também. É o fato de?
- Crianças: - Picadas.

- Professora: - Sabem por que elas morrem?
- Miriam: - O ferrão é na bunda delas.
- Luciana: - Quando uma abelha pica ela morre.
- Professora: - Porque quando ela deixa o ferrão fica um pedaço do abdômen junto.
- Várias crianças falam ao mesmo tempo.
- Uma criança começa a olhar um livro que trouxe em conjunto com outra que está ao seu lado.
- Uma criança sugere estudar os tipos de ovos. Nem todos estão escutando o que esta criança está falando para a professora. Conversam uns com os outros, uns olham o livro, professora conversa com algumas crianças. Tudo acontece ao mesmo tempo, sem causar impedimento para estas diferentes situações simultâneas.
- Professora: - Então!
- Uma criança começa a falar que viu abelhas no Jardim Botânico.
- Professora: - Então nós temos uma, duas, três, quatro, cinco sugestões. Nós precisamos entrar num consenso.
- Olavo: - Posso falar uma coisa Tânia? Mas não é sugestão! É uma coisa das abelhas que tu disse do fungo. Eu sei o que é fungo. Sabe o que é? Um dia a água do meu aquário ficou um pouco suja e aí o meu peixe morreu.
- Professora: - Antônio, tu que tá com o Aurélio, procura fungo, vê se tem.
- Antônio: - Fungo.
- Professora: - Então nós temos diferentes alimentos do mundo e junto estudar cogumelos, temos instrumentos e notas musicais, temos baleias em extinção, flores – cheiros e cores diferentes e ovos – diferentes tipos de ovos³⁰. Destes assuntos, qual destes que vocês acham que a gente poderia eliminar primeiro?
- Crianças: - As flores.
- Professora: - Eliminar, que a gente não vai estudar.
- Alan: - Eliminar é que a gente não vai estudar.
- Professora: - Eliminar neste momento, né? Que nem foi aquela vez que nós escolhemos sapos e aí a gente ficou entre sapos e folclore e nós decidimos estudar sapos e terminamos estudando o folclore.
- Crianças falam junto com a professora dizendo o que querem que fique.
- Algumas começam a fazer um coro dizendo: flores e depois dizendo cogumelos.

³⁰ Professora estava lendo o que havia registrado em seu caderno.

- Professora: - Qual o assunto que vocês acham mais importante para o nosso grupo neste momento? Vocês sabem que está se aproximando do final do ano, vai ser um dos nossos últimos projetos.
- Antônio que estava pesquisando no livro diz: - Tânia, não achei fungos.
- Professora: Antônio, se tu não achou fungos, deixa um pouco e agora vamos refletir.
- Antônio: - Eu não tô localizando a flor.
- Professora: - Antônio, espera um pouquinho agora, presta atenção no que eu tô falando. Vamos pensar que este vai ser um dos nossos últimos projetos. Então vamos pensar nos projetos que a gente já estudou, coisas que a gente já viu.
- Começam lembrar e a citar o que já estudaram ao longo do ano: Egito, sapos, pererecas, gaúchos, morcegos, folclore, feirão, festa junina, animais.
- Professora: - Vamos pensar! Qual que vocês acham que deve ser o primeiro a ser eliminado? Ou não. Qual que vocês acham que prá este momento é o mais importante para o nosso grupo?
- Crianças falam juntas.
- Professora diz: - Pro grupo. Não é pra mim.
- Crianças dizem juntas: - Cogumelos.
- Crianças também dizem: - Flores.
- Crianças começam a se posicionar e alguns até contam quantos desejam o mesmo assunto.
- Professora: - Então eu vou eliminar as baleias Fernando porque ninguém escolheu e os ovos porque ninguém também escolheu ovos.
- Fernando: - Tudo bem. (ele havia sugerido baleias)
- Professora: - Flores, alimentos e música.
- Crianças falam juntas.
- Professora: - Eu vou dar a minha sugestão. Posso dar a minha opinião?
- Crianças: - Sim, pode.
- Professora: - Eu sugiro, dentro das coisas que tem aqui, que eu achei bem interessante, mas é uma coisa que eu gosto tá? Seriam os diferentes alimentos do mundo. Eu acho que a gente pode aprender muito com isso. Quando eu estudei com o primeiro ano os índios eu aprendi que quando eles não conseguiam cultivar muitos alimentos eles acabavam comendo pinha.
- Luciana: - O que é pinha?
- Professora: - Pinha que dá nos pinheiros.
- Raquel: - Ah, eu sei. – Que nojo!
- Professora: - Eles comiam pinha, os índios.

- Crianças falam a respeito de comer coisas diferentes.
- Consuelo: - Eu tenho um filme que diz porque os galeses comiam javalis.
- Professora: - Javalis! Eu já comi carne de javali. Esta é a minha sugestão. Eu ficaria com alimentos. Diferentes alimentos do mundo. Não assim alimentos que são mais saudáveis, proteínas. É prá gente estudar e ver o que tem de novo.
- Antônio: - Tânia tem uma coisa que eu me lembrei. Olha aqui! Se a gente estudar alimentos, a gente vai fazer uma culinária com alimentos, e os alimentos a gente já fez no projeto ossos.
- Professora: - Será que a gente vai fazer o mesmo de culinária?
- Alan: - A gente podia fazer uma culinária de outro país.
- Falam várias coisas ao mesmo tempo em relação a preparar uma culinária de outro país.
- Professora: - Eu tô perguntando por que eu eliminei ovos e baleias, tá? E aí, eu quero saber música? Por que eu só ouvi a Miriam falar de música. Mais alguém concorda?
- Olavo: - O Alan concordou, mas agora ele mudou de ideia.
- Professora e algumas crianças dizem: - Mas ele pode mudar de ideia.
- Professora: - Miriam, eu posso eliminar música?
- Miriam responde: - Pode. (E começa a chorar)
- Professora: - Gente, a Miriam ficou triste. Eu não eliminei Miriam. Não eliminei. Tu ficou triste por quê? Mas eu acho que a música, ela entra em todos os projetos Miriam. Me diz uma coisa, tu tem música sobre flores? Existem músicas que falam sobre flores?
- Raquel começa a cantar “O cravo brigou com a rosa”.
- Professora: - Por exemplo, se a gente escolher os diferentes alimentos do mundo a gente podia ouvir músicas sobre as diferentes regiões. Por exemplo, a gente estudou lendas e qual foi a nossa apresentação no sarau³¹?
- Crianças: - Músicas.
- Professora: - Foi uma música. A tua ideia tá aqui ainda. Se tu não concorda que ela seja eliminada, ela continua aqui. Não tem problema. Tu pode continuar defendendo a tua ideia.
- Crianças falam que já aconteceu de suas sugestões serem eliminadas e não chorarem por causa disso.

³¹ Sarau literário realizado na escola.

- Professora: - Mas as pessoas reagem diferente. Por exemplo, tem gente que fica muito brava e bate. Tem gente que consegue conversar. Tem gente que não consegue conversar, chora. Entendeu? As pessoas reagem diferentemente.
- Luciana: - E tem mais uma coisa Miriam. A gente não vai eliminar esse assunto. Pode ser num outro dia.
- Antônio: - É bem melhor a ideia da Raquel do que música. Pode eliminar música Miriam?
- Miriam: - Pode.
- Antônio: - Pode eliminar música Tânia.
- Professora: - Está resolvido Miriam, ou tu ainda tá muito chateada?
- Miriam: - Eu acho que pode ser.
- Professora: - Mas com a condição de que a gente trabalhe música no projeto escolhido?
- Miriam: - Pode ser.
- Professora: - Entenderam? O projeto que for escolhido nós vamos ter que também trabalhar música. A gente sempre faz isso, né?
- Crianças falam juntas demonstrando contentamento.
- Professora: - Flores e diferentes alimentos do mundo.
- Crianças falam juntas novamente.
- Professora: - Ouçam a ideia do Antônio.
- Antônio: - A gente não pode juntar as flores com os diferentes alimentos do mundo? Podem existir flores que a gente come!
- Consuelo: - É, couve-flor se come.
- Professora: - A gente já comeu.
- Crianças demonstram empolgação e começam a dizer algumas flores que comem.
- Antônio: - Mas então?
- Professora: - Couve-flor, brócolis. O grupo acolhe esta ideia?
- Crianças: - Sim.
- Professora: - Então vamos criar um nome para esse projeto.
- Crianças: - É vamos pensar.
- Professora: - Alguém tem alguma ideia para o nome deste projeto?
- Crianças: - As comidas e as flores.
- Professora: - As comidas e as flores é uma ideia. Quem tem outra ideia? Os alimentos do mundo? Eu acho que a gente não pode colocar flores no nome. Flores é uma das comidas. Vocês acham que tem algum alimento em extinção?
- Fernando: - Eu acho que tem.

- Professora: - Será? Eu vejo todos os assuntos em tudo. Porque os ovos também. De onde vêm os ovos que as pessoas comem?
- Marcelo: - Ovos vêm de galinha.
- Luciana: - Ovos de codorna.
- Professora: - Bom, então, o que eu quero agora! Eu quero que vocês peguem aquelas folhas ali (apontou para as mesas onde tinham folhas de papel reciclado tamanho A4) e quero que vocês desenhem coisas que vocês acham estranhas e que vocês acham que as pessoas comem.
- Raquel: - Pizza.
- Professora: - Raquel, uma coisa estranha que as pessoas comem. Pizza de que?
- Raquel: - Minhoca.
- Professora: - Tá, sentem lá.
- A Roda se desfaz com as crianças saindo das almofadas e indo sentar nas cadeiras ao redor das mesas para fazer o que a professora solicitou.

No dia seguinte ao da escolha do assunto que dará origem ao novo projeto de trabalho, a professora organiza na Roda inicial o mapa mental³², exercício em que as crianças registram em papel, com o apoio da professora, tudo o que desejam estudar sobre o assunto. A seguir, numa outra Roda inicial, as crianças escolhem que atividades irão desenvolver sobre o assunto selecionado e para esta escolha também é realizada uma conversa na qual todos são provocados a pensar e argumentar sobre as escolhas que estão realizando.

Nas Rodas de conversa para escolha dos projetos, surgem diferentes assuntos por conta das sugestões trazidas pelas crianças. Cada um destes assuntos é acolhido pela professora, como, por exemplo, quando uma criança sugere baleias e esse passa a ser, por alguns minutos, o assunto tratado na Roda. Por conta disso, as crianças são provocadas a pensar sobre esse assunto e quem quiser, manifesta o que pensa, ou seja, a conversa para escolher um assunto para o projeto de trabalho desencadeia conversas sobre vários outros assuntos. Não é uma conversa linear e prescritiva na qual cada participante da Roda precisa, obrigatoriamente, dizer o que pensa. Quando uma criança se inscreve para falar, a regra é a de que as

³² Mapa Mental é o nome dado ao registro em papel, em formato de esquema, de tudo aquilo que desejam estudar no projeto escolhido pelo grupo de crianças com a professora. A professora serve de escriba para registrar as ideias das crianças. As crianças que já conseguem fazer escritas e desejam fazê-las, também podem registrar suas ideias. Algumas crianças desenhavam ao invés de escrever. A professora é a organizadora deste mapa e tudo que será registrado deve ser consenso no grupo.

demais escutem; quando ela termina, sempre tem alguém que deseja falar algo: seja sobre o que a outra criança acabou de dizer, seja sobre o assunto em pauta ou, ainda, sobre o assunto que irão estudar no próximo projeto de trabalho.

Também observei que há momentos em que o assunto posto em pauta provoca-as de tal maneira que começam a conversar em polvorosa com seus parceiros mais próximos, sendo necessário, depois de um tempo, que a professora retome a conversa, convocando todos a falarem um de cada vez novamente e a ouvirem o que está sendo dito pelas crianças inscritas e também por ela, professora. Neste sentido, apesar da participação ativa e intensa das crianças, a professora é quem articula e organiza a conversa, de modo a não perder o fio condutor da pauta da Roda e também a não se desviar dos seus objetivos como professora. Faz parte do funcionamento dela, como coordenadora da Roda, prestar atenção ao que está sendo dito pelas crianças e provocá-las a produzirem contribuições pertinentes ao assunto que está sendo tratado. Ou seja, a partir de seus funcionamentos na Roda, ela deixa claro para as crianças, à medida que a conversa vai se desenrolando, que não dá para falar qualquer coisa na Roda, em qualquer momento e querer que todos escutem. Ela, gradativamente, vai mostrando às crianças, pelas diferentes situações de conversa que se estabelecem, que, literalmente, entram na Roda, que precisa haver atenção, pertinência e interlocução com o que está sendo dito. Um exemplo disso é o trecho em que Pedro começa a contar sobre a profissão de seu pai. Pedro é novo na escola e ainda está aprendendo a estrutura e as regras de funcionamento da Roda, talvez por isso, diferentemente das outras crianças, procura participar da Roda a partir de um assunto que não está relacionado à escolha do projeto, que é o assunto tratado no momento. A professora, atenta ao que Pedro está dizendo, provoca-o a pensar sobre o assunto que é o fio condutor da conversa, de modo que ele perceba que há um foco, que é a escolha do projeto pelo grupo de crianças. Quando a professora percebe que Pedro ainda não compreendeu, investe mais uma vez, respeitando sua narrativa sobre a profissão do pai, mas tentando conduzi-lo a pensar sobre o que está sendo tratado na Roda por ela e pelas demais crianças. Ainda assim, ele continua sem compreender. No entanto, por conta desse funcionamento insistente de Pedro, ela tem acesso a um elemento importante sobre essa criança que a desafia a pensar sobre que intervenções será preciso organizar para ajudá-lo a aprender e a funcionar em Roda a partir da estrutura e das regras de funcionamento da Roda.

Nesta Roda para escolha do projeto de estudo, as crianças conseguiram chegar a um consenso a respeito do assunto a ser estudado numa só Roda, com 48 minutos de duração, com muita conversa, argumentação, muitos conflitos, muita mediação e articulação da professora e também das crianças. Nas Rodas que observo geralmente nas escolas, quando há escolha de assuntos para serem estudados, acontece uma votação; muitas vezes, os votos das crianças são para assuntos indicados pela professora, que seleciona e apresenta os assuntos que ela julga importantes para ser escolhido pelas crianças. Na escola pesquisada, acontece o inverso: os assuntos surgem a partir de conversas entre crianças e professora, que articula as mais inusitadas e imprevisíveis sugestões, indicadoras, originalmente, de demandas individuais das crianças, com o desafio de problematizá-las entre todos e conseguir o consenso de todo o grupo em relação a uma delas.

O consenso é um dos objetivos da professora com seu grupo de crianças conforme expresso na entrevista que realizei com ela:

Pesquisadora: - *Das Rodas que tu fez este ano, com as tuas crianças, tem alguma coisa que te marcou, que tu lembre, que tu diga: tal fato realmente marcou?*

Professora: - *Para mim, as Rodas mais significativas são as de escolhas dos projetos. Eu comecei a trabalhar, faz uns dois anos se não me engano, com a escolha de projetos a partir do consenso. E às vezes não é numa Roda, são três dias para tu chegar num consenso e aí tu vê o desenvolvimento deles, muitas vezes alguns abrindo mão da sua vontade, de conseguirem sair de si e perceberem o outro. Para mim isto é um dos momentos mais marcantes, e isso, acontece em Roda.*

Parou para pensar e a seguir respondeu:

- Tem aquela coisa de, eu quero o sapo porque eu quero o sapo, porque eu gosto do sapo, e fulano quer o trem e o ciclano quer a África e o beltrano quer o Egito. Não, a gente já estudou os animais então vamos estudar tal coisa. A gente manejar tudo isso, reconhecendo a importância desse mundo todo, ajudando nesta seleção, para mim isso é o mais marcante. Porque, ah, o que eu vejo deles, do início do ano para agora! (referindo-se aos avanços das crianças)

Pesquisadora: - *Tem diferença?*

Professora: *movimenta a cabeça em sinal afirmativo e dá o exemplo a seguir: - Eu gostaria de estudar tal coisa, mas eu concordo com a opinião do fulano (referindo-se ao jeito como as crianças falam), porque eu acho que isso é importante para o grupo também. Porque eu digo para eles, não tem que ser importante só para eles, tem que ser importante para o grupo. E será que todo o grupo ia se beneficiar com o projeto sal, por exemplo? Que coisas que a gente poderia estudar? A gente também tem que argumentar e não só trazer o assunto.*

Diário de Campo – entrevista com a professora – 17/11/2009.

► As conversas sobre a organização da rotina e sobre o tempo

Conversas que se relacionam com a organização da rotina e como está o tempo estão presentes na Roda inicial e acontecem em qualquer momento da pauta porque estão relacionadas aos assuntos tratados e ao que acontece no cotidiano dos encontros. Às vezes estas conversas são iniciadas pela professora; em outras, pelas crianças.

Depois que todos apresentam seus temas, a professora conversa sobre sexta-feira, sobre a chuva e a transferência da colheita por causa da chuva. Explica que haverá uma nova data para fazer a colheita, que será sexta-feira, dia 20/11 e no sábado haverá o feirão e depois o acantonamento³³. As crianças lamentam que tenha chovido. Manifestam a alegria de fazer o acantonamento. Comentam sobre o que vão levar para o acantonamento. Alguns mostram seus bichinhos de pelúcia que estão na mochila e que pretendem levar. Outros falam sobre esses.

Uma criança pergunta: - E se chover de novo?

Professora explica que poderão transferir mais uma vez. Conversam sobre esta possibilidade e sobre transferir pela terceira vez a colheita. Professora apoiativa também participa desta conversa.

Diário de Campo – 16/11/2009.

A Professora relembra o que realizaram no dia anterior e combina que hoje irão escolher as atividades que podem ser feitas dentro deste tema. Conversam um pouco olhando para o que está escrito no papel. (No meio da Roda tem um papel grande com registros feitos no dia anterior)

Professora pergunta olhando para o papel: - “O que significa o tomate, a cenoura e a batata?”

Luciana responde: - “São legumes.”

Professora diz: - “O Alan escreveu aula passeio³⁴. Sabe o que eu tava pensando ontem? Eu tive uma ótima ideia de uma aula passeio num restaurante.”

Alan responde: - “Eu também acho boa.”

Professora diz: - “Muito boa. Tua intenção foi ótima.”

Diário de Campo – 25/11/2009.

É interessante observar que a retomada das situações previstas para acontecer na rotina deste dia ou de outros dias parte da memória da professora e

³³ Acantonamento é uma atividade organizada pela escola que envolve a turma como um todo num passeio até um sítio onde passam a noite de sexta-feira para sábado, retornando no sábado pela manhã. Nesta atividade as crianças são acompanhadas pelas professoras da escola; os pais não participam.

³⁴ Aula passeio é uma proposta de realizar uma atividade externa a escola que possa contribuir com o trabalho que está sendo desenvolvido.

também das crianças e se estabelece a partir de uma conversa que envolve interlocução das crianças com a professora. Nas Rodas que conheço em outras escolas, as crianças são comunicadas pela professora sobre a rotina do dia, muitas vezes com o apoio de fichas com desenhos ou gravuras indicando os momentos que compõem a rotina do grupo, de forma estanque e com a participação das crianças somente no momento de colar as fichas em painel ou diretamente na parede, na sequência prevista pela professora.

Outra análise importante é sobre o assunto tempo. Na descrição feita por Petry (2009, p. 141) a investigação sobre o tempo é um dos momentos da rotina diária dos grupos de crianças em que a professora pergunta a elas como está o tempo no dia: se tem chuva, se tem sol, se tem sol com nuvens e para cada uma destas categorias se convencionou um símbolo ou se pede que as crianças façam um registro, geralmente um desenho, em painel que está fixado na parede próximo ao local onde se realiza a Roda. Muitas vezes as crianças estão sentadas em semicírculo viradas para este painel. Nesta escola onde realizei a pesquisa de campo, não há painel de acompanhamento e marcação do tempo, pois as crianças não conversam sobre o tempo todos os dias. Este assunto surge em decorrência do assunto sobre o qual se está conversando e da necessidade de saber sobre a previsão do tempo, caso estejam planejando uma atividade que, para ser realizada, precisa de tempo firme, por exemplo. Ou seja, há sentido em se falar do tempo e acompanhar a previsão sobre as condições climáticas, mas isso é feito não como ritual, diariamente, e sim quando há uma relação direta entre o tempo e a vida do grupo.

► **As conversas sobre situações trazidas pelas crianças: suas interrogações e dúvidas**

As crianças trazem e narram diferentes assuntos e situações para partilhar na Roda. Estes provocam e desafiam que a professora aprenda a gerenciar o inesperado. Todos eles são acolhidos pela professora e alguns pelas demais crianças, provocando conversas paralelas, que ora são acolhidas por todo o grupo e ora ficam somente entre os mais próximos. Há assuntos e situações que provocam

maior engajamento da professora e das crianças na conversa e outros nem tanto e isto depende do que está sendo narrado e do que desperta no grupo. Também acontece de uma criança partilhar uma situação com a professora e se ela a julga importante pede que a criança partilhe com as demais.

Miriam pede para mostrar um material. Professora autoriza. Miriam levanta, vai até sua mochila e volta com uma almofadinha. Senta novamente na Roda e fala que seu pai³⁵ participou do salão da propaganda e que a foto do seu pai não ganhou e que ela não acha justo. Professora explora isso e conversa com a menina sobre esta questão. Pergunta se isso é o que ela pensa ou se alguém lhe falou que não é justo. Ela responde que sua mãe lhe disse. Comentam um pouco sobre o assunto do salão de propaganda. Miriam convida os colegas para irem até o Parcão (Parque Moinhos de Vento) ver a exposição de fotos do seu pai.

Diário de Campo – 16/11/2009.

Raquel fala que num programa de TV tinha comidas estranhas para os participantes comerem. Ela cita cada uma das comidas que foram apresentadas. As crianças comentam sobre esse programa e as comidas dizendo o que é nojento e o que não é. Algumas crianças pedem para abrir a Roda³⁶. Professora ajuda nesta organização pedindo às crianças que já escreveram e/ou desenharam para darem espaço a quem ainda não participou.

Diário de Campo – 24/11/2009.

Outra questão que observei durante as Rodas diz respeito as iniciativas das crianças. Muitas vezes elas partilham com as demais, ora individualmente, ora coletivamente, seus desejos, vontades, ideias, provocações, articulando, devido a essa partilha, outros encaminhamentos para todo o grupo.

As crianças pedem para tomar banho de mangueira. A professora apoiativa diz que sim e se responsabiliza pelo banho. As crianças conversam entre si sobre como vão tomar banho se não trouxeram roupa de banho. Entre si, combinam que vão utilizar as roupas de baixo.

Diário de Campo – 17/11/2009.

Também trazem para o encontro na Roda assuntos e abordagens inusitadas que, ao mesmo tempo em que desafiam a professora e as demais crianças, são

³⁵ O pai da menina é publicitário.

³⁶ Algumas crianças pedem para abrir a Roda porque à medida que a Roda vai acontecendo às crianças vão se aproximando da folha que está no meio desta e desconfigurando a circularidade e deixando crianças de fora do espaço do encontro.

acolhidos pela professora e socializados com todo o grupo para ser pensado e conversado entre e por todos.

Olavo: - Posso falar uma coisa Tânia? Mas não é sugestão! É uma coisa das abelhas que tu disse do fungo. Eu sei o que é fungo. Sabe o que é? Um dia a água do meu aquário ficou um pouco suja e aí o meu peixe morreu.

Professora: - Antônio, tu que tá com o Aurélio, procura fungo, vê se tem.

Antônio: - Fungo.

Diário de Campo – 23/11/2009.

Professora: - Ouçam a idéia do Antônio.

Antônio: - A gente não pode juntar as flores com os diferentes alimentos do mundo? Podem existir flores que a gente come!

Consuelo: - É, couve-flor se come.

Professora: - A gente já comeu.

Crianças demonstram empolgação e começam a dizer algumas flores que comem.

Antônio: - Mas então?

Professora: - Couve-flor, brócolis. O grupo acolhe esta idéia?

Crianças: - Sim.

Diário de Campo – 23/11/2009.

Cabe salientar que nas Rodas realizadas geralmente nas escolas, quando há espaço para o inusitado, este é chamado de hora da novidade e as crianças são condicionadas a narrar algo novo, uma depois da outra, geralmente em sentido horário, como se as ideias brotassem de suas cabeças quando a professora determina e indica que é a sua vez de contar a sua novidade. O que tenho visto é que, assim que a criança conta a sua novidade, ao invés de conversarem sobre ela, a professora indica que é a vez da próxima criança contar a sua novidade. Esses momentos ficam esvaziados de sentido para as crianças e a professora acaba perdendo a possibilidade de organizar uma situação que provoque as crianças a conversar narrando àquilo que elas, crianças, consideram importante compartilhar com os demais.

Outra análise a ser feita é sobre as interrogações e dúvidas que as crianças têm e trazem para a conversa na Roda, tornando-as ponto de pauta do encontro. Estas surgem a partir de palavras que são ditas ou de situações narradas que geram dúvidas, curiosidades, pensamentos e provocam as crianças e a professora, a querer saber mais sobre o assunto. Muitas vezes estas perguntas levam a outros assuntos e a professora consegue dar espaço para uma conversa que contemple o que está sendo perguntado e a seguir retoma o que estava sendo tratado anteriormente.

Marcelo: - O que são ovas?

Antônio: - Que não dá para comer, porque é ovos.

Alan: - É, e daí não dá para comer. Já tava morto.

Professora: - E aí sabe o que ele fez? Preparou, fritou e serviu para todo mundo comer. Eu não comi! Eu não vou mentir para vocês. Todo mundo comeu e diz que é delicioso!

Consuelo: - E eu também, eu também tô com nojo até de ouvir.

Professora: - Os que provaram adoraram.

Raquel: - Ei, é por isso que eu quero estudar alimentos.

Diário de Campo – 23/11/2009.

Crianças: - O que é monocultura?

Professora: - Monocultura é a cultura de uma coisa só.

Antônio: - Eu posso falar uma coisinha?

Professora: - Eu posso terminar o meu relato? Porque eu tô me desconcentrando assim!

Professora: - Monocultura é uma plantação só de tomate. Quando a abelha chega ali elas só vão se alimentar do pólen da flor do?

Crianças: - Tomate.

Professora: - E aí, vai faltar prá elas, nutrientes de outras flores. É como se tu tivesse um cachorro e tu alimentasse ele só com pão.

Olavo: - Pão?

Professora: - Ele ia ficar fraco de outros nutrientes, de outras vitaminas.

Lembra quando a gente estudou os ossos?

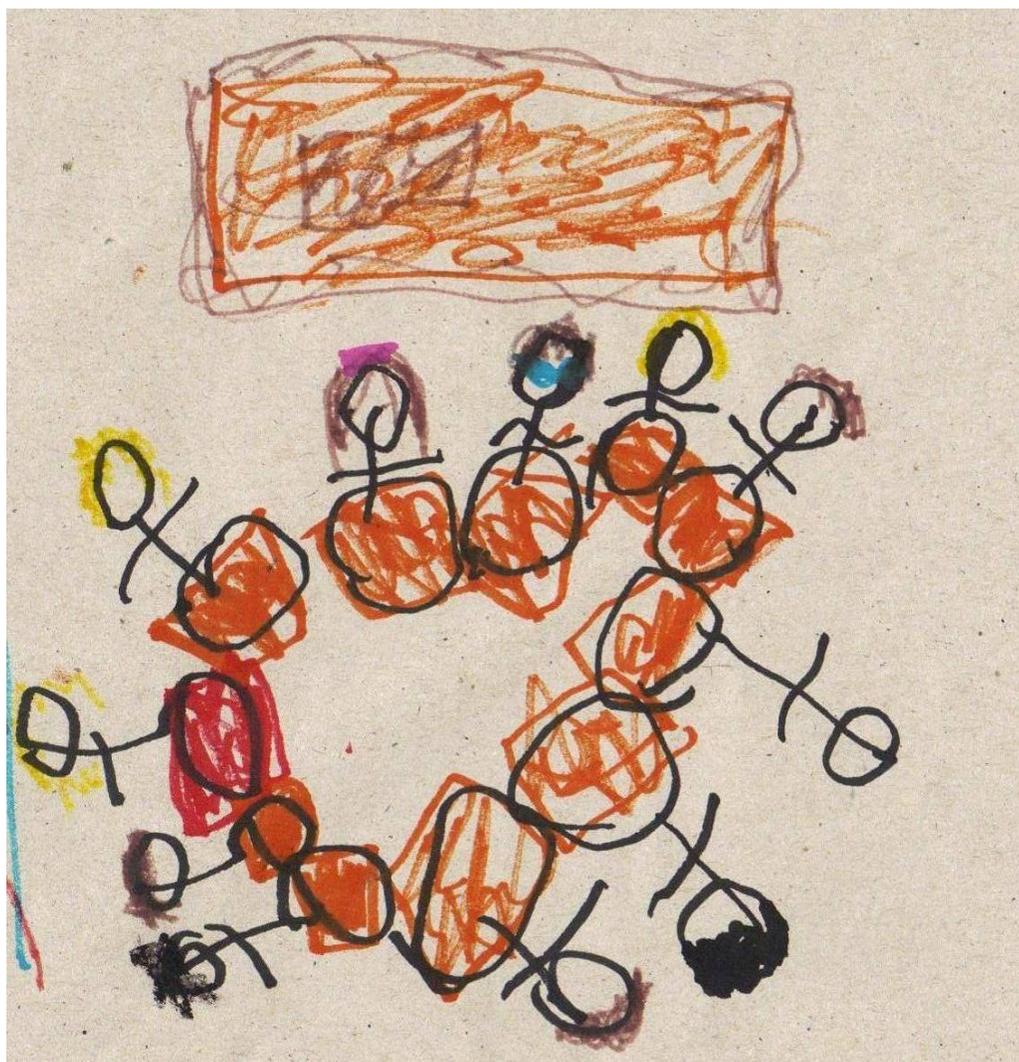
Crianças: - Urum!

Professora: - Que nós vimos que o Fernando não comia carne, que o frango é rico em vitamina D e aí os vegetarianos comem o que? E nós fomos pesquisar e descobrimos que existem outras formas de ter vitamina D?

Lembram disso?

Crianças: - É.

Diário de Campo – 23/11/2009.



5.6 DISPUTAS E CONFLITOS NA RODA

Na pesquisa de campo, foram muitos os episódios observados que revelam que o encontro na Roda entre professora e crianças envolve interlocução, saber ouvir, saber falar, respeitar o que o outro está dizendo e também a geração de conflitos. Conflitos estes que revelam a intensidade destes encontros, que revelam o quanto os participantes estão à vontade, confiando uns nos outros para dizer o que pensam, ficar em dúvida, chorar, errar, não saber, contar com a ajuda do outro, incluindo até mesmo a professora, que é a coordenadora do grupo, que também fica à vontade com o grupo de crianças para dizer o que pensa e como pensa, sem medo de compartilhar com as crianças suas dúvidas e opiniões.

Professora: - Eu tô perguntando que eu eliminei ovos e baleias, tá? E aí, eu quero saber música? Porque eu só ouvi a Miriam falar de música. Mais alguém concorda?

Olavo: - O Alan concordou, mas agora ele mudou de ideia.

Professora e algumas crianças dizem: - Mas ele pode mudar de idéia.

Professora: - Miriam, eu posso eliminar música?

Miriam responde: - Pode. (E começa a chorar)

Professora: - Gente, a Miriam ficou triste. Eu não eliminei Miriam. Não eliminei. Tu ficou triste por quê? Mas eu acho que a música, ela entra em todos os projetos Miriam. Me diz uma coisa, tu tem música sobre flores? Existem músicas que falam sobre flores?

Raquel começa a cantar "O cravo brigou com a rosa".

Professora: - Por exemplo, se a gente escolher os diferentes alimentos do mundo a gente podia ouvir músicas sobre as diferentes regiões. Por exemplo, a gente estudou lendas e qual foi a nossa apresentação no sarau?

Crianças: - Músicas.

Professora: - Foi uma música. A tua idéia tá aqui ainda. Se tu não concorda que ela seja eliminada, ela continua aqui. Não tem problema. Tu pode continuar defendendo a tua idéia.

Crianças falam que já aconteceu de suas sugestões serem eliminadas e não chorarem por causa disso.

Professora: - Mas as pessoas reagem diferente. Por exemplo, tem gente que fica muito brava e bate. Tem gente que consegue conversar. Tem gente que não consegue conversar, chora. Entendeu? As pessoas reagem diferente.

Luciana: - E tem mais uma coisa Miriam. A gente não vai eliminar esse assunto. Pode ser num outro dia.

Antônio: - É bem melhor a idéia da Raquel do que música. Pode eliminar música Miriam?

Miriam: - Pode.

Antônio: - Pode eliminar música Tânia. (criança diz para a professora)

Professora: - Está resolvido Miriam, ou tu ainda tá muito chateada?

Miriam: - Eu acho que pode ser.

Diário de Campo – 23/11/2009.

Renato: - Ah, sabe por que que eu quero sugerir projeto “gogumelo”?
Professora: - Uh?
Renato: - Porque um dia eu vi um monte de “gogumelo”. Eu vi “gogumelo” cozido e (foi interrompido pelo Alan)
Alan: - Gogumelo? Cogumelo!
Renato: - Outra coisa: sabia que eu já vi “gogumelo”.
Alan: - Cogumelo! (esta criança está corrigindo a fala de Renato que pronuncia “g” ao invés de “c”)
Renato: - Cogumelo comestível. (Fala corretamente, após a segunda correção de Alan)

Diário de Campo – 23/11/2009.

Os episódios acima selecionados mostram a qualidade das interações entre as crianças e entre as crianças e a professora. Entre as crianças há respeito e espaço para sugerir, corrigir, auxiliar, acolher. A professora também acolhe e respeita as crianças e as deixa decidir sem exercer poder sobre elas, porque entende que as crianças são capazes, perceptivas e inteligentes. Ela consegue gerir os conflitos porque acredita nas crianças e na interlocução que são capazes de estabelecer.

Pesquisadora: - *Eu vejo que tu fica a vontade com eles.*
Professora: - *Porque assim como eles confiam em mim, eu mostro que eu também confio neles. Se eles confiam em mim, eu tenho que alimentar essa confiança, então, eu também me cobro. Se eu confio neles eles também tem que alimentar essa confiança, então eles não podem cobrar, porque senão eles vão perder, vão perder essa liberdade deles. Não, não pode mais ir prá lá, porque a gente combinou outra coisa e tu não cumpriu e agora tu só vai ficar aqui ou então se eu for prá lá tu vai comigo. Vai ficar junto comigo. (referindo-se ao jeito como fala com as crianças quando em situações de conflitos) Então eles sabem que prá ter essa liberdade eles tem que ter a responsabilidade.*

Pesquisadora: - *Mas isso é uma coisa que tu foi elaborando, né? Faz parte do teu processo de ser professora?*
Professora: - *Sim, hoje eu fico maravilhada. Essa coisa de fazer fila, de nos passeios todo mundo de mão dada. Com eles eu digo que não precisa. Vocês vão se comprometer? Vocês vão conseguir ficar junto? – Ah, Tânia, eu acho que não. Ah, então, tá se vocês acham que é melhor dar a mão, então vamos lá. Eu acho que vocês conseguiriam. (Referindo-se ao jeito como combina as situações de passeio com as crianças). Eu joga muito isso prá eles. Prá eles se sentirem capazes.*

Diário de Campo – Entrevista com a professora – 17/11/2009.

Portanto, encontrar-se na Roda não envolve só encontro físico. Para além de estar junto, envolve perceber-se como singular e coletivo, sabendo que cada sujeito que da Roda participa tem uma história, provém de uma família, tem um jeito de pensar e sentir. Quando a Roda é convocada e posta em funcionamento, todos estes diferentes jeitos se encontram e quando o encontro é para conversar cada

sujeito mostra ou não, pela interlocução que se estabelece o seu jeito de pensar, sentir, organizar, organizar-se e isso pode, entre outras coisas, gerar conflitos. Então, estar na Roda não é simples, porque envolve se expor ao expor o que pensa e sente, e aprender a estar à vontade com todos que partilham deste espaço. E para estar à vontade leva algum tempo, pois envolve confiança.

5.7 ENCERRAMENTO E DURAÇÃO DA RODA

A Roda inicial termina com a professora encaminhando a próxima proposta para as crianças. Todas as crianças levantam, colocam seus calçados e passam a realizar o que foi combinado. A Roda inicial tem uma importância maior na composição da rotina de trabalho da professora, portanto, dura em média trinta minutos. Este tempo está relacionado tanto com o envolvimento com o tema da conversa que se estabelece, como também com as demais situações previstas na rotina do grupo.

Nas Rodas que observei, me chamou a atenção o fato de que as crianças permaneciam todo o tempo que durava a Roda, sentadas ou deitadas no tapete, junto com o grupo, conversando e se engajando nos diferentes assuntos que surgiam. Se alguém precisava levantar para ir ao banheiro ou pegar algum objeto, logo comunicava a professora que autorizava a saída da Roda, sendo que o retorno era imediato. Esta questão me provoca a pensar a respeito do engajamento e do envolvimento destas crianças e professoras ao que acontecia na Roda, provavelmente porque este encontro lhes faz sentido.

5.8 O QUE AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE A RODA

No trecho abaixo, destaco parte da conversa que tive com as crianças sobre Rodas.

Pesquisadora: ...Por que é que vocês acham que a professora de vocês faz Roda com vocês?

Várias crianças respondem:

- Porque é para conversar.

- É pra harmonizar.

- *Prá socializar os temas.*
- *E quem é o coordenador.*
- *Para conversar.*
- *E depois a gente desmonta e guarda as almofadas.*
- *E também é pra gente ouvir e saber das coisas.*
- *Prá gente não fazer errado.*
- Pesquisadora: - E essa Roda ela é sempre igual ou tem diferença?*
- Algumas crianças respondem: - Tem diferença.*
- Pesquisadora: - Vocês sabem me dizer quais são?*
- Crianças:*
- *De vez em quando tem notícias, de vez em quando tem...*
- *Às vezes muda de formato. (Estão se referindo a forma da Roda no espaço da sala de aula)*
- *Às vezes fica tudo espalhado.*
- *Às vezes é no oval.*
- Pesquisadora: - E como é que vocês sabem que está na hora de fazer a Roda?*
- Criança: - Porque a Tânia chama.*
- Pesquisadora: E se não for a Tânia, se for o professor lá da biblioteca?*
- Criança: - Porque a gente chama. Quando a gente chega na biblioteca a gente tira o tênis e já vai para a Roda.*
- Pesquisadora: - E como é que vocês aprenderam isso, heim?*
- Mais de uma criança: - Ah, a gente primeiro foi assim e foi aprendendo, foi aprendendo, até o fim. (Mais de uma criança responde em conjunto)*
- Pesquisadora: - Mas ela disse o que tinha que fazer (a professora) ou tem um outro jeito de aprender essas coisas?"*
- Criança: - A gente estuda.*
- Outra criança: - Não. (referindo-se que não estudam)*
- Pesquisadora: - E como é que vocês sabem? Porque eu vejo vocês fazendo. Eu vejo que vocês sabem que tem que tirar os sapatos. Eu vejo que vocês sabem o lugar que tem que ir. Como é que vocês aprenderam essas coisas?*
- Criança:*
- *Com a Tânia.*
- *Porque a Tânia nos disse.*
- *Não, porque primeiro a gente veio aqui.*
- *Porque a gente foi passando de sala em sala e aprendendo onde é e sentando. (Referindo-se aos diferentes grupos que as crianças já passaram em cada ano escolar)*

Diário de Campo - Conversa com as crianças – 10/12/2009.

Esse trecho de uma de minhas conversas com as crianças sinaliza outros tantos elementos reveladores do quanto elas aprenderam sobre Roda ao longo do tempo em que frequentam esta escola. E aprenderam não só a partir da linguagem verbal – conversando umas com as outras e com a professora, a partir das pautas e de acordo com as funções específicas de cada tipo de Roda, escrevendo sobre as ideias e os nomes para os projetos de trabalho, por exemplo – como também pelas linguagens não verbais – ao dar-se conta que a Roda pode ser organizada espacialmente em diferentes ambientes da escola, em diferentes formatos na sala de atividades, com diferentes grupos de crianças e suas professoras, que para inscrever-se para falar é preciso levantar a mão, que é preciso prestar atenção no

que está sendo dito, que é preciso tirar os calçados quando a Roda é realizada sobre o tapete, são alguns exemplos. Aprenderam ainda o quanto este encontro na Roda é singular, ou seja, as crianças e as professoras de cada grupo sabem a estrutura e as regras de funcionamento da Roda no seu grupo e a colocam em funcionamento pelo encontro cotidiano ao longo de um período.

E você leitor, o que aprendeu sobre a estrutura e sobre as regras de funcionamento da Roda?

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo como optamos escrever permite-nos contar apenas determinadas coisas e permite aos nossos leitores experimentar um conjunto particular de entendimentos.

Graue e Walsh (2003, p.243)

Opto por organizar esta dissertação de um jeito que, espero, garanta o fluxo da conversa, deixando frestas para o leitor produzir os seus próprios signos a respeito do assunto sobre o qual estamos conversando. O que trago nestes escritos é meu olhar articulado pelo referencial teórico que me faz sentido e pelos dados gerados na pesquisa de campo, que me permitem estar mais sensível e aberta ao encontro com as crianças, para continuar sendo educadora e pesquisadora, para continuar aprendendo a ler as crianças pelas linguagens verbais e não verbais. Minha intenção é a de significar a Roda em algumas outras possibilidades além daquelas a que estamos acostumados a ver e a pôr em funcionamento. Espero que tenha conseguido. Ainda fica por desenvolver a Roda na formação de professores, tema que me é caro, por conta de tudo o que defendo nesta dissertação e do trabalho que realizo atualmente.

Após compartilhar com vocês o que produzi sobre a Roda, seus sentidos, sua estrutura e suas regras de funcionamento, a partir das pistas que me guiaram neste percurso, fica a certeza de que existe um potencial de produção de culturas, de humanidades, de educação, entre professores e crianças quando se encontram na escola infantil; em especial, na Roda. Acredito e defendo, na companhia dos autores que escolho que a Roda é um conteúdo-linguagem que pode e precisa ser aprendido por professores e crianças na escola infantil, para evitar, como já indiquei seguidamente ao longo dessa dissertação, que a Roda seja desperdiçada. E é desperdiçada porque, ainda, muitas vezes, não conseguimos deslocar o olhar, arejar as tradições, desacomodar a rotinização do cotidiano, desnaturalizar os rituais cotidianos, pensar sobre de que modo estamos nos encontrando e nos relacionando com as crianças, (re)significando nosso fazer e aprendendo as crianças do jeito delas, consentindo estar com elas de jeitos mais abertos ao encontro e à relação – como geralmente elas vão ao nosso encontro. Que não tenhamos nem medo e nem preguiça da radicalidade que pode surgir desse encontro, muito seguramente,

indicando-nos outros jeitos de sermos professores e professoras; de organizarmos o nosso trabalho junto com as crianças.

Aprendi muito com essas crianças e professoras que participaram da pesquisa e nessa escola. Penso que ainda tenho muito a aprender, por acreditar que estamos em constante produção, porque somos seres inacabados e complexos – adultos e crianças. Neste sentido, o que permanece é a inquietação e a certeza de que é no encontro das muitas Rodas que ainda viverei que vou continuar aprendendo – sobre a Roda, sobre encontrar-se, sobre conversar, sobre ser educadora, sobre a minha humanidade e a de todos aqueles com os quais me relaciono e me relacionarei.

Também fica o desejo de que as rotinas escolares e as propostas pedagógicas para a educação infantil parem de silenciar as crianças, parem de depreciar a capacidade de interlocução das crianças com os adultos. Bem como, que os professores aprendam a conversar, uns com os outros, princípio fundamental para que se reconheçam como pares uns dos outros e se respeitem e se valorizem e se estimulem e se vejam como participantes e integrantes de uma equipe que trabalha em comum para a educação das crianças e seus familiares, para a autoformação e para a formação uns dos outros. Espero muito que o resultado dessa pesquisa e a forma como a disponibilizo nessa dissertação contribuam para a produção de reflexões importantes por parte dos professores, coordenadores pedagógicos, orientadores educacionais, gestores e toda a equipe que põe em funcionamento o trabalho nas escolas de educação infantil, pois está nas mãos deles, adultos, profissionais da educação, escolher e organizar-se para promover com as crianças o encontro na Roda, uma das linguagens humanas que possibilita às crianças serem autoras e protagonistas em interlocução com outras crianças e com os adultos.

REFERÊNCIAS

ANGOTTI, Maristela. **O Trabalho Docente na Pré-Escola – revisitando teorias, descortinando práticas**. São Paulo: Pioneira, 1994.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da Educação**. São Paulo: Moderna, 1989.

ARCE, Alessandra. **A Pedagogia na “Era das Revoluções” – uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos Pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da Infância**. São Paulo: Autores Associados, 2009.

CARVALHAL, Juliana Pinto. Maurice Halbwachs e a questão da memória. **Revista Espaço Acadêmico**. nº 56 – Jan/2006. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>> Acessado em: junho/2010.

CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Alison (org.) **Investigação com crianças: Perspectivas e Práticas**. Porto, 2005.

COHN, Clarice. **A antropologia da infância**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORSARO, William A. **Reprodução interpretativa e cultura de pares em crianças**.

Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/texto.pdf>>. Acesso em: 29/03/2009.

CORSARO, William A.; MOLINARI, Luisa. Entrando e Observando nos Mundos da Criança: Uma Reflexão sobre a Etnografia Longitudinal da Educação de Infância na Itália. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Alison (org.) **Investigação com crianças: Perspectivas e Práticas**. Porto, 2005.

DE ANGELO, Adilson ; CASTELAN, Z. e PESTANA, V. **A Roda de Conversa e a democratização da fala – conversando sobre educação de infância e dialogicidade**. IV Fórum Internacional Paulo Freire “Caminhando para uma cidadania multicultural”, Instituto Paulo Freire de Portugal. Setembro/2004. Disponível:

<<http://www.ipfp.pt/cdrom/C%EDrculos%20de%20Discuss%20E3o%20Tem%20E1tica/02.%20Inf%20ncia/alopezscastelanvpestana.pdf>> Acesso em: 29/03/2009.

DE ANGELO, Adilson. Que infância, para que criança? – Nas sendas da história. **Revista eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância – Centro de Ciências da educação**. UFSC. Nº 18. Ago./Dez. 2008. Disponível: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/zeroseis/article/view/8706>> Acesso em: 29/03/2009.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Infâncias e Crianças: ainda incógnitas para nós adultos/as? In: **Cadernos de Educação Universidade Federal de Pelotas**. Faculdade de Educação, ano 13, n. 23, jul./dez. 2004. Pelotas: FaE/UFPel, 1992 – Semestral.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Reflexões Metodológicas nas pesquisas com crianças. In: DELGADO, Ana Cristina Coll; MOTA, Maria Renata Alonso; ALBUQUERQUE, Simone Santos de (org.). **Tempos e Lugares das Infâncias – Educação Infantil em Debate**. Porto Alegre: IPPOA – Instituto Popular Porto Alegre, 2004.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MÜLLER, Fernanda. Sociologia da Infância: Pesquisa com Crianças. **Educação e Sociedade**, vol. 26, n. 91, p. 351-360, Maio/Ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acessado em: 20/10/2010.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MARCHI, Rita de Cássia. **La Petite Souris: Reflexões em torno de uma socioantropologia da infância**. Rio Grande: Revista Momento, 18: 89-98, 2006/2007. Acessado em: 20/10/2010.

DELGADO, Ana Cristina Coll. Uma etnografia com crianças: grupos geracionais e manifestações culturais das crianças. In: REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MÜLLER, Fernanda (org.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (orgs.) **O Mundo da escrita no Universo da Pequena Infância**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Suely Amaral (orgs.) **Linguagens Infantis: outras formas de leitura**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

FREINET, Celestin. **As Técnicas Freinet da Escola Moderna**. 4. ed. Editorial Estampa Ltda, 1975.

FREIRE, Madalena. **A paixão de conhecer o mundo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1981.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 39ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa**. 9. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996. Coleção leitura.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FROEBEL, Friedrich A. **A Educação do Homem**; tradução de Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

GRAUE, M. Elizabeth; WALSH, Daniel. **Investigação Etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HORN, Cláudia Inês. **“Tudo na escola tem asas... até a gente”**: os saberes infantis no contexto da educação infantil. Porto Alegre: UFRGS, 2008. (Dissertação de Mestrado)

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Interdisciplinaridade na Pré-Escola: anotações de um educador “on the road”**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1996.

JUNQUEIRA FILHO, Gabriel de Andrade. **Linguagens Geradoras: seleção e articulação de conteúdos em educação infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

KESSEL, Zilda. **Memória e Memória coletiva**. Disponível em: <<http://www.museudapessoa.net>> Acessado em: junho/2010.

LAHIRE, Bernard. **Homem Plural: os determinantes da ação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MAYAL, Berry. Conversas com crianças: trabalhando com Problemas Geracionais. In: CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Alison (org.). **Investigação com crianças: Perspectivas e Práticas**. Porto, 2005.

MONTESSORI, Maria. **A Criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.

OLIVEIRA, Alessandra Mara Rotta de. Entender o Outro (...) Exige mais, quando o Outro é uma criança: Reflexões em Torno da Alteridade da Infância no Contexto da Educação Infantil. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.) **Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Portugal: Asa Editores, 2004.

PEREIRA, Marcos Villela. **A estética da professoralidade: um estudo interdisciplinar sobre a subjetividade do professor**. São Paulo: PUC, 1996. (Tese de Doutorado)

PEREIRA, Marcos Villela. **Conversa no curso de pós-graduação da UFRGS**. Porto Alegre: outubro de 2007.

PETRY, Letícia Marlise. **Educação Infantil: vida-história de grupo e(m) processos de criação**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. (Dissertação de Mestrado)

REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MÜLLER, Fernanda (org.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

REDIN, Marita Martins. Planejando na educação infantil com um fio de linha e um pouco de vento. In: REDIN, Euclides; REDIN, Marita Martins; MÜLLER, Fernanda (org.). **Infâncias: cidades e escolas amigas das crianças**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

RICHTER, Sandra Regina Simonis. **Encontro Regional da Educação Infantil da Secretaria Municipal de Porto Alegre**. Porto Alegre: julho de 2010.

RIZZO, Gilda. **Educação Pré-Escolar**. 5. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. 13. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SANTAELLA, Lucia. **A teoria geral dos signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática, 1995.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e Culturas da Infância**. Este texto foi produzido no âmbito das actividades do Projecto “*As Marcas dos Tempos: a Interculturalidade nas Culturas da infância*”, Projecto POCTI/CED/49186/2002, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Disponível: <<http://www.cce.udesc.br/titosen/Arquivos/Textos%20para%20aulas/Cultura%20na%20Inf%20ncia.pdf>> Acesso em: 22/03/2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. Este texto tem por base uma versão da comunicação ao 5º Congresso Português da Universidade do Minho. Braga, 12 a 15 maio /2004. (não publicado). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a03v2691.pdf>> Acesso em: 20/04/2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (org.) **Crianças e Miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Portugal: Asa Editores, 2004.

VASCONCELOS, Teresa Maria Sena de. **Ao Redor da Mesa Grande: a prática educativa de Ana**. Portugal: Porto Editora, 1997.

WARSCHAUER, Cecília. A roda e o resgate da fala adormecida: buscando caminhos para a interdisciplinaridade nas séries iniciais. In: FAZENDA, Ivani (org.). **A academia vai à escola**. São Paulo: Papirus, 1995.

WARSCHAUER, Cecília. **A Roda e o Registro. Uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WARSCHAUER, Cecília. **Rodas em Rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

ANEXOS

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO DA ESCOLA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A proposta de Pesquisa que realizo como projeto de Dissertação de Mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada “Roda e Conversa – Quais os sentidos da Roda na Escola Infantil?” investiga os funcionamentos da Roda na Escola Infantil com crianças de 4 e 5 anos de idade.

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola e da professora do Grupo 5, observarei o grupo de crianças no período da tarde, durante alguns dias, em especial os encontros de roda, nos meses de novembro e dezembro de 2009.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as observações e demais atividades com o grupo.

Os dados – gravações em áudio de conversas e entrevistas, e desenhos das crianças – serão analisados e utilizados na realização desta pesquisa e poderão ser divulgados em aulas, palestras, seminários, congressos e integrar alguma publicação. Contudo, o sigilo será preservado, não sendo mencionados o nome dos participantes e da Escola em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada/observada.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone xxxxxxxxxx ou pelo endereço eletrônico xxxxxxxxxx. Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas:

Eu, _____, RG sob o número _____, diretora da Escola xxxxxxxxxxxx, concordo que a Pesquisa seja realizada em minha escola.

Assinatura da Participante – Diretora da Escola

Assinatura da Pesquisadora – Maria Cláudia Bombassaro

Assinatura do orientador da pesquisa
Profº Dr. Gabriel de Andrade Junqueira Filho

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO
RESPONSÁVEIS PELAS CRIANÇAS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A proposta de Pesquisa que realizo como projeto de Dissertação de Mestrado em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, intitulada “Roda e Conversa – Quais os sentidos da Roda na Escola Infantil?” investiga os funcionamentos da Roda na Escola Infantil com crianças de 4 e 5 anos de idade.

Assim, com o consentimento e autorização da direção da escola e da professora do Grupo 5, observarei o grupo de crianças no período da tarde, durante alguns dias, em especial os encontros de roda, nos meses de novembro e dezembro de 2009.

Comprometo-me a respeitar os valores éticos que permeiam este tipo de trabalho, efetuando pessoalmente as observações e demais atividades com o grupo.

Os dados – gravações em áudio de conversas e entrevistas, e desenhos das crianças – serão analisados e utilizados na realização desta pesquisa e poderão ser divulgados em aulas, palestras, seminários, congressos e integrar alguma publicação. Contudo, o sigilo será preservado, não sendo mencionados o nome dos participantes em nenhuma apresentação oral ou trabalho escrito que venha a ser publicado. A participação nesta pesquisa não oferece risco ou prejuízo à pessoa entrevistada/observada.

Como pesquisadora responsável pela pesquisa, comprometo-me a responder e esclarecer qualquer dúvida ou necessidade que o participante ou seus responsáveis venham a ter no momento da pesquisa, ou sempre que julgarem necessário, através do fone xxxxxxxxxx ou pelo endereço eletrônico xxxxxxxxxx. Após ter sido devidamente informado de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas:

Eu, _____, RG sob o número _____, concordo que _____, sob minha responsabilidade e guarda, participe do Projeto de Pesquisa.

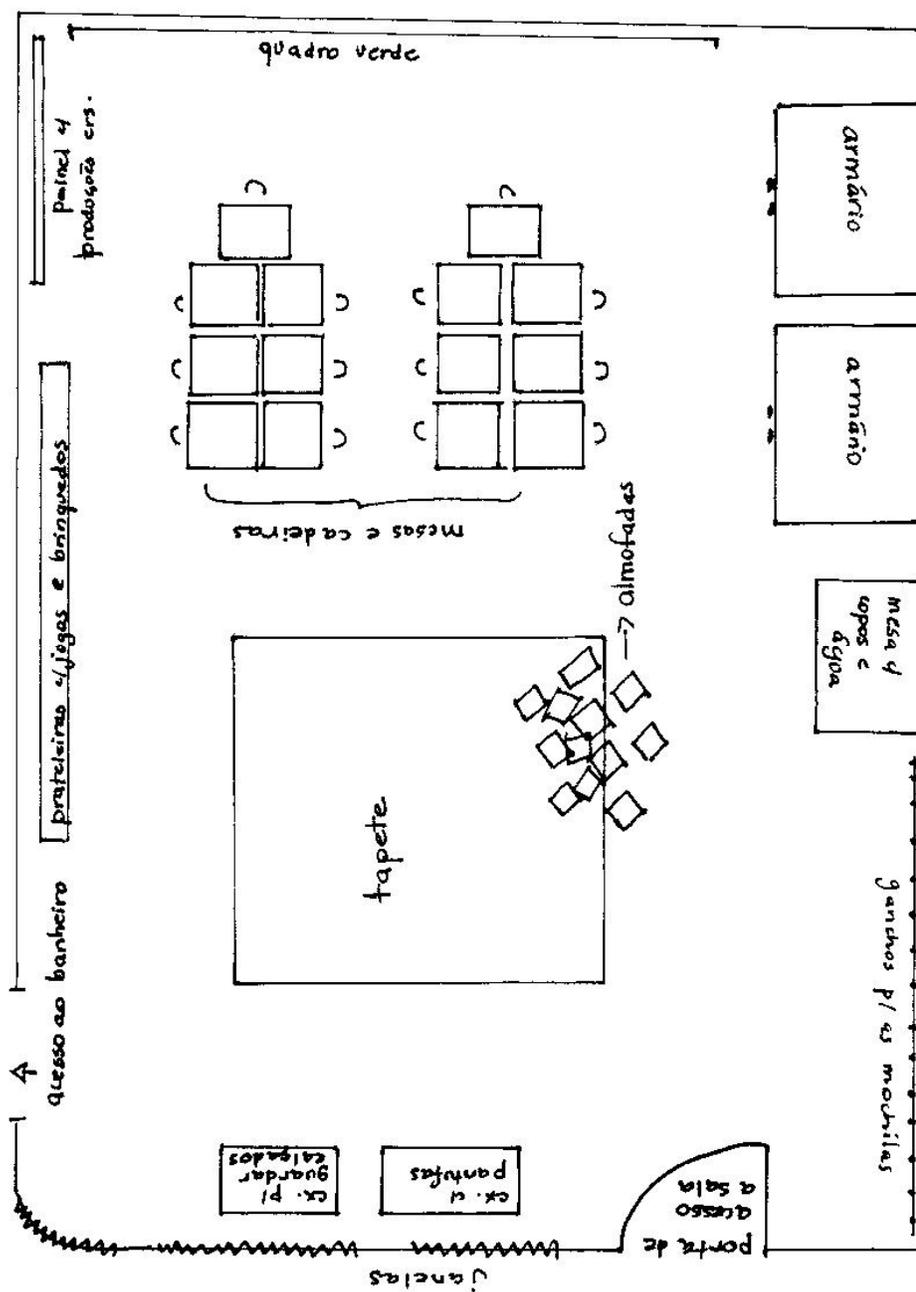
 Assinatura dos pais ou responsáveis

 Assinatura da Pesquisadora – Maria Cláudia Bombassaro

 Assinatura do orientador da pesquisa
 Profº Dr. Gabriel de Andrade Junqueira Filho

ANEXO C

PLANTA BAIXA DA SALA DE ATIVIDADES DO GRUPO 5



PLANTA BAIXA DA SALA DE ATIVIDADES

GRUPO 5